



CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS

Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U. nº 198, de 14/10/2016
AELBRA EDUCAÇÃO SUPERIOR - GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO S.A.

SONIELSON LUCIANO DE SOUSA

**A RELAÇÃO DA MÍDIA COM O PROCESSO DE IDEAÇÃO SUICIDA ENTRE
HOMENS JOVENS A PARTIR DO PRINCÍPIO DA INADEQUAÇÃO CORPORAL:
UM OLHAR PSICANALÍTICO**

PALMAS – TO

2020

SONIELSON LUCIANO DE SOUSA

**A RELAÇÃO DA MÍDIA COM O PROCESSO DE IDEAÇÃO SUICIDA ENTRE
HOMENS JOVENS A PARTIR DO PRINCÍPIO DA INADEQUAÇÃO CORPORAL:
UM OLHAR PSICANALÍTICO**

Pesquisa elaborada e apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira.

PALMAS – TO

2020

SONIELSON LUCIANO DE SOUSA

A RELAÇÃO DA MÍDIA COM O PROCESSO DE IDEAÇÃO SUICIDA ENTRE
HOMENS JOVENS A PARTIR DO PRINCÍPIO DA INADEQUAÇÃO CORPORAL:
UM OLHAR PSICANALÍTICO

Pesquisa elaborada e apresentada como requisito parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) II do curso de bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Luterano de Palmas (CEULP/ULBRA).

Orientadora: Profa. Dra. Irenides Teixeira

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Irenides Teixeira
Orientadora
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Me. Muriel Corrêa Neves Rodrigues
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Profa. Me. Cristina D’Ornellas Filipakis
Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Dedico este trabalho aos meus pais, pois a partir deles (do desejo deles, e do meu, que se alinhou ao deles) eu vim ao mundo e aqui estou. Também dedico à minha família, amigos e companheiros de jornada na vida pessoal, profissional (acadêmica) e afetiva.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à dimensão do Sagrado, da qual dou o nome de Adonai, de onde eu vim e para onde eu irei voltar. Sem esta perspectiva, as coisas se tornariam frias e pesadas, sem sentido teleológico e, portanto, sem sabor. Também agradeço a todos que colaboraram para que eu estivesse, neste momento, realizando mais um sonho, o de ser psicólogo (e foram muitas pessoas que colaboraram com isso). Acredito que é a partir da Psicologia (em consonância com a Comunicação e com a Filosofia, minhas outras referências acadêmico/profissionais) que pretendo firmar minha contribuição para o mundo, dentro da lógica de Jung e Frankl (dar sentido à própria vida a partir da ajuda para que outras pessoas encontrem o sentido de suas vidas). Nesta jornada, não poderia deixar de agradecer a Dra. Irenides Teixeira, minha orientadora nesta pesquisa, pessoa de coração grande e que muito me ajudou – e ajuda – na jornada.

Sua visão se tornará clara somente
quando você olhar para dentro do seu
coração.

Carl Jung

RESUMO

SOUSA, Sonielson Luciano de Sousa. **A relação da mídia com o processo de ideação suicida entre homens jovens a partir do princípio da inadequação corporal**: um olhar psicanalítico. 2020. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas, TO, 2020.

A ideação suicida seguida de suicídio é, hoje, talvez uma das maiores questões a serem combatidas pela saúde pública, notadamente no que se refere à Psiquiatria e a Psicologia e Psicanálise. Entre os jovens, a problemática é ainda maior, porque o fenômeno vem eclodindo de modo crescente e, neste ínterim, é necessário investigar qual a prevalência da mídia para que este cenário se instale e se perpetue. Para investigar este objeto, optou-se por usar uma abordagem qualitativa, a partir do método de Revisão Sistemática, com recorte temporal entre os anos de 2015 e 2018, na base Google Acadêmico. Os dados coletados, tendo como referência descritores como “suicídio”, “ideação suicida”, “mídia”, “psicanálise”, “influência da mídia”, “juventude”, “psicanálise” e “jovens” foram tratados a partir da Análise de Conteúdo, cujos resultados apontam para uma ambivalência quanto ao tema, ou seja: ao mesmo tempo que a mídia é fonte de conteúdos disparadores para a ideação suicida entre homens jovens, por outro lado também se apresenta como um lugar que propicia processos educativos e de combate a este flagelo.

Palavras-chave: Jovens. Suicídio. Ideação suicida. Mídia. Influência. Psicanálise.

ABSTRACT

SOUSA, Sonielson Luciano de Sousa. **The media's relationship with the suicidal ideation process among young men based on the principle of bodily inadequacy: a psychoanalytical view.** 2020. 64 f. Course Conclusion Paper (Graduation) - Psychology Course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas, TO, 2020.

Suicidal ideation followed by suicide is, today, perhaps one of the biggest issues to be tackled by public health, especially with regard to Psychiatry and Psychology and Psychoanalysis. Among young people, the problem is even greater, because the phenomenon has been emerging in an increasing way and, in the meantime, it is necessary to investigate the prevalence of the media for this scenario to be installed and perpetuated. To investigate this object, we chose to use a qualitative approach, based on the Systematic Review method, with a time frame between the years 2015 and 2018, based on Google Scholar. The data collected, having as reference descriptors such as "suicide", "suicidal ideation", "media", "psychoanalysis", "media influence", "youth", "psychoanalysis" and "young people" were treated from the Analysis of Content, whose results point to an ambivalence on the theme, that is: at the same time that the media is a source of triggering content for suicidal ideation among young men, on the other hand it also presents itself as a place that provides psychoeducational processes to combat this scourge.

Keywords: Youth. Suicide. Suicidal ideation. Media. Influence. Psychoanalysis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fluxograma da Pesquisa	38
Figura 2 - Perfil por titulação	47
Figura 3 - Distribuição geográfica.....	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Artigo 1	44
Quadro 2 - Artigo 2	44
Quadro 3 - Artigo 3	45
Quadro 4 - Artigo 4	45
Quadro 5 - Artigo 5	46
Quadro 6 - Artigo 6	46

LISTA DE TABELA

Tabela 1 - Perfil de óbitos por suicídio no período de 2001 a 2016	34
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
EUA	Estados Unidos da América
PROF.	Professor
TCC II	Trabalho de Conclusão de Curso II
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO	19
2.1 Juventude(s) e espírito de um tempo	19
2.2 A comunicação como (re)produtora de subjetividades	27
2.3 O desafiador panorama do suicídio	31
3 PERCURSO METODOLÓGICO	37
3.1 Local e período de realização da pesquisa	40
3.2 Critérios de inclusão e exclusão	40
3.3 Instrumentos de coleta de dados, estratégias de aplicação, registro, análise e apresentação dos dados	40
3.4 Aspectos éticos	41
3.4.1 Riscos	41
3.4.2 Benefícios	41
3.4.3 Variáveis	42
3.4.4 Desfechos	42
3.4.4.1 <i>Primário</i>	42
3.4.4.2 <i>Secundário</i>	42
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	43
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	56

1 INTRODUÇÃO

A contemporaneidade permite eclodir um cenário em que a dinâmica dos desejos – sobretudo entre os jovens (entre 18 e 30 anos, considerando-se uma juventude tardia) – tornou-se um assunto de primeira ordem. Neste sentido, a produção e ostentação de vidas “esteticamente” impecáveis dão o tom das relações cotidianas. O corpo e os ideais de felicidade, no ínterim, tornaram-se objeto de redenção, mas também de angústia. Sobre o assunto, a Sociologia e a Psicanálise se debruçam com mais afinco, especialmente a partir da década de 1960, quando se passou a pesquisar com detalhes a dinâmica de vida burguesa na Europa e na América. Desta feita, intelectuais como Bauman (2007), Birman (2012) e Debord (1997), por exemplo, identificaram o excessivo cuidado com o corpo e a produção de uma vida voltada para a compulsão à repetição – tendência do ser humano a replicar, inconscientemente, comportamentos disfuncionais – como indutores de uma existência centrada nos interesses individuais, não mais coletivos, e na mudança de uma perspectiva que sai da esfera da cidadania para o prisma do consumismo.

Eclode, então, o fenômeno da ideação suicida – e o próprio suicídio, em si – como sintoma da ausência de sentido para as ações cotidianas. Este panorama é agravado pelo espetáculo da sociedade de consumo publicizado por parte da mídia (notadamente as redes sociais digitais), em uma dinâmica que ocorre por meio da circularidade da produção de autoimagens, cujas consequências gerais sobre o indivíduo envolvem não apenas a supressão histórica de si, mas o esgotamento de um crivo qualitativo em relação ao que se consome e também ao que espera constituir-se, como ser singular e autônomo.

Tudo isso é aprimorado pelas novas pseudonecessidades, e estilos de vida inalcançáveis dão a tônica da autopromoção, pois em tese a ideia geral é que só depende da vontade do indivíduo para que ele produza uma vida em que seja bem-sucedido e esteticamente adequado (dentro de certos padrões preestabelecidos). Há uma tendência, no entanto, a não se levar em conta aspectos como fatores sociais e panorama macro e microeconômico além, claro, de limitações de ordem física e genética, tendo em vista a pluralidade de representações do fenômeno da juventude.

Diante disso, vê-se a necessidade de observar de que forma os jovens do sexo masculino são impactados pelos discursos supostamente higienistas da mídia, e se há relação desta dinâmica com a ideação suicida deste público. É importante destacar

que, ao se referir a jovem, esta pesquisa foca na conceituação sociológica que classifica a juventude como decorrente de um constructo social e cultural (MARGULIS *et al.*, 2008), marcado por uma transição que intercala, por um lado, algum grau de dependência econômica e emocional e, por outro lado, tentativas de tornar-se autônomo, numa relação que envolve ambiguidade e ambivalência (BAUMAN, 2008).

É importante destacar, também, como pontua Margulis *et al.* (2008), que o conceito de juventude, no sentido atual, ultrapassa o fator idade que, em síntese, não limita tal episteme. Nesta perspectiva, jovem e juventude são construções que além da delimitação temporal correspondem também a um dado momento da vida marcado por um “jeito de ser”, um *modus operandi* tocado por contradições decorrentes, em grande medida, das expectativas sociais sobre tais sujeitos. Há de se observar, por este prisma, que o jovem se torna alvo de constantes investidas e tensões, o que pode colaborar para o enfraquecimento de suas instâncias reguladoras do ego.

Desta forma, a pesquisa buscou elucidar, pela revisão sistemática dos trabalhos acadêmicos pesquisados num dado período temporal, se há estudos robustos sobre a participação da mídia numa eventual crise de subjetividade do público jovem masculino, em termos de promoção de papéis inalcançáveis, e se esta dinâmica colabora para um suposto cenário de aumento de ideação suicida neste público. Sobre o assunto, é notório o aumento de ideação nos jovens, na ordem de 24% entre 2006 e 2015¹, com desdobramentos ainda imprevisíveis.

De modo geral, é mister apontar que a revisão bibliográfica indica para uma tensão, na vida cotidiana dos jovens, no que se refere às vontades individuais e, em igual medida, aquelas que são frutos do interesse coletivo e/ou midiático. Desta forma, Araújo; Vieira; Coutinho (2010) levanta que em muitos casos os jovens têm que lidar com um cenário onde lhes é proporcionado certo grau de protagonismo – sobretudo no que se refere às dinâmicas de consumo –, mas por outro lado, de forma paradoxal, tais jovens inscrevem-se em modelos gerais, sob pena de não se sentirem pertencidos (pelos amigos, pela família, etc.).

Some-se a isso a crescente pressão cultural (POPE *et al.*, 2000) e a influência midiática (RUSSO, 2005) sobre a valorização de certos estilos de vida como credencial social, sobretudo nos últimos 15 anos. Por credencial social, é necessário

¹ Índice de suicídio entre adolescentes cresce 24% em nove anos. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/interessa/indice-de-suicidio-entre-adolescentes-cresce-24-em-nove-anos-1.2173731>. Acesso em: 20 ago. 2019.

associar a um estilo de vida onde não apenas é necessário viver, mas, antes, esta vida deve ser realçada perante o olhar do outro para que ganhe *status*, qualificando os sujeitos a participarem ativamente das dinâmicas sociais, notadamente aquelas baseadas em relações de consumo. Não se pode negar, no entanto, que como seres sociais, os humanos não podem prescindir de passar pelo escrutínio de terceiros, desde a fase de castração até os cotidianos embates gerados pelo desencontro de interesses. Mas isso não implica tornar-se refém destas incursões avaliativas, sob pena de ver suas subjetividades sequestradas ou mesmo experimentar um lapso de fragmentação do ego, como o que ocorreu com a personagem principal do episódio “Queda Livre”, do seriado *Black Mirror*². Desta forma, conforme Pope *et al.* (2000), o estabelecimento de padrões – e talvez, dentre estes padrões, o estético é o que mais se sobressai – passa da esfera predominantemente feminina, que sempre se viu como alvo de objetificação, no transcorrer da história, e compõe – na contemporaneidade – o hall de exigências também para o homem, sobretudo os jovens. Então, somada às exigências típicas relacionadas à masculinidade, como capacidade de ação e de competição, agora também uma espécie de performance difusa (no sexo, na vida cotidiana) se soma a uma imposição para a estética corporal que, no fundo, cria uma enorme tensão interna nos jovens, contribuindo para inadequações de toda ordem. Não por menos, na clínica psicanalítica e analítica é cada vez maior a quantidade de homens jovens com sintomas de ansiedade, isso porque a expectativa e insegurança sobre o futuro destes jovens leva a um cenário de desolação e de conflitos³. Ora, isso acaba por se integrar a um mix de características que classifica, rotula e exclui os jovens de acordo com o investimento pessoal que estes estão dispostos a realizar, na dinâmica competitiva em busca de status e aceitação social.

É neste panorama que entra a influência da mídia. Ela aviva desejos e avigora modelos imagéticos, numa tentativa de se chegar a ideais de existência. Esta ação, em si, desencadeia uma corrida em busca de intervenções que garantam a

² No referido episódio, a personagem principal vive excessivamente em função da aprovação “do outro”, até que entra num profundo colapso e acaba por tomar atitudes polarizadas que, em última instância, contradizem integralmente as narrativas originalmente utilizadas, o que pode gerar fortes danos ao aparelho psíquico. *Black Mirror* é uma série britânica que aborda com realce as principais problemáticas da contemporaneidade. Está em sua quinta temporada, e pode ser acessada a partir de uma assinatura do serviço de streaming Netflix.

³ Dados levantados a partir de reportagem publicada pela Agência Brasil sob o título “Expectativa e insegurança sobre futuro levam jovem a problema mental”. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2018-08/expectativa-e-insegura-quanto-ao-futuro-levam-jovem-problema-mental>. Acesso em: 03 out. 2019.

possibilidade de pertencimento. Claro, é necessário, neste interim, observar de que maneira a mídia, também, é alimentada pelos movimentos espontâneos da juventude, que eivada pelo arquétipo do Puer⁴, pode bem, em grande medida, alimentar esta indústria comunicacional, cooptando tendências que, depois, acabam por ser transformar em imperativos. O problema, parece, está na intensidade com que dadas tendências são assimiladas pela grande mídia e depois prescritas a todos, sem levar em conta peculiaridades e nuances individuais.

Sobre este assunto, pegue-se o exemplo do culto ao corpo entre jovens. Ao estimular a busca de intervenções para se aproximar ao máximo do ideal de corpo elegido pelo momento, é comum que não se leve em conta fatores como questões econômicas, diferenças genéticas, limitações físicas, etc., o que pode gerar um desconforto e uma angústia crescente em jovens que não conseguem perceber esta armadilha.

Mas é importante destacar que além dos modelos clássicos fornecidos pela mídia tradicional, há também as narrativas construídas a partir do fenômeno da comunicação descentralizada pelos dispositivos eletrônicos a partir das redes sociais. Neste sentido, de acordo com Macek (2005), surge o conceito de cibercultura, que passa a agir como uma interface entre uma cultura viva, dinâmica, e a tecnologia criada pelo homem, que ganha uma vida própria, a partir de estruturas representativas descoladas das relações diretas. E qual a relação disto com os modos de vida juvenis? Tudo! Pois os estudos e experimentos transhumanistas (SANDEL, 2013) – que têm como meta o melhoramento humano a partir do uso de tecnologias, possibilitando, dentre outras coisas, o aumento exponencial da expectativa de vida – causam impacto na constituição de novos modelos de subjetividade, sobretudo ao instigar o uso de dispositivos diversos para que, pelo princípio da exterioridade, os jovens criem a sensação de que experimentam uma mudança substancial. Só que, ao que parece, esta mudança pode gerar ainda mais angústia, tendo em vista o aumento de quadros de ansiedade e ideação suicida entre homens jovens.

⁴ O arquétipo do Puer Aeternus, como representante da “juventude eterna”, foi amplamente trabalhado pela psicanalista junguiana Marie-Louise von Franz (2019), que identificou uma espécie de “fixação”, sobretudo entre os homens, com este ideal. Tal dinâmica reflete, em muitos casos, uma inabilidade em superar o Complexo Materno, o que acaba por adiar a entrada deste sujeito na vida adulta e, dentre os sintomas, há o impacto negativo nas relações amorosas, já que a pessoa embebida por tal arquétipo (dentro de um Complexo) apresenta dificuldades para estabelecer relacionamentos profundos.

Ora, isso pode se dar porque ocorre uma união e potencialização das narrativas da grande mídia e das redes sociais. Desta forma, de modo geral, no âmbito da ‘construção simbólica’ do sujeito jovem, o científicês⁵ passa a ser digerido e ressignificado não para uma visão libertária que clame para a singularidade mas, antes, para possibilitar que os integrantes deste processo comunicacional se apropriem de termos, produtos e formas de agir que eram circunscritos a um saber médico até então de difícil assimilação. Surge então os chamados “digital influencers” (influenciadores digitais), com os seus perfis em redes sociais como Facebook, Instagram e Youtube, perfis estes que movimentam milhões de seguidores jovens que orbitam em busca de dicas e tendências. Claro, não se pode imaginar que estes jovens “consumem” sem nenhum filtro tais tutoriais, mas é evidente que a repetição de certos cenários e protocolos acaba por proporcionar, a médio prazo, processos de assimilação (seja pelo princípio da aproximação sistemática, seja por nutrir o inconsciente por uma memória residual que se acumula e que, com o passar do tempo, eclode sob a forma de compulsão).

Por fim, é importante destacar os apontamentos de Birman (2013), que alerta para a necessidade de se problematizar a condição juvenil sob o prisma de suas representações pela mídia, tendo em vista que, na clínica psicanalítica, é notória a constante tentativa de redefinição de processos identitários deste público (BAUMAN, 2005a), o que acaba por desembocar no fortalecimento da cultura somática (FREIRE COSTA, 2004)⁶.

Como problema de pesquisa, esta investigação buscou elucidar como é possível relacionar a influência da mídia com os casos de ideação suicida entre homens jovens, a partir do olhar psicanalítico. Neste sentido, tem como Objetivo Geral entender a relação das narrativas midiáticas e os modelos corporais masculinos prevalentes nos meios de comunicação com a eclosão de casos de inadequação corporal seguidos de ideação suicida entre homens jovens.

A pesquisa também procurou atender aos seguintes objetivos específicos: Compreender o papel da mídia sobre a saúde mental de homens jovens – entre 18 e 30 anos (a partir do princípio sociológico de juventude tardia ou estendida); Aproximar

⁵ Relativo aquilo que é científico, que se utiliza de uma abordagem e *modus operandi* excessivamente científico, ao estilo positivista (experimental, reducionista).

⁶ Cultura de culto ao corpo com apelo a explicações biológicas e rejeição dos aspectos psicológicos e existenciais que definem o que é ser humano

as epistemes da Psicanálise e da Comunicação Social; e Catalogar, pelo Google Acadêmico, as recentes pesquisas da Psicanálise sobre o tema em questão.

Do ponto de vista acadêmico, este trabalho se justifica pela relevância no que concerne a municiar pesquisadores sobre a imbricada relação entre mídia, produção de subjetividade e ideação suicida entre homens jovens, tendo em conta que os sujeitos não são ilhas, de modo que suas estratégias de ação no mundo sofrem, em grande medida, influência do social e, também, dos ideais de vida propagados pela mídia. A academia, sobretudo o fazer científico da psicanálise, precisa se aprofundar neste tema para conseguir intervir de modo eficaz.

Além disso, é imperioso destacar a escassez de estudos do gênero nas bases de dados das universidades locais, tais como a UFT – Universidade Federal do Tocantins, e Ceulp/Ulbra (Centro Universitário Luterano de Palmas). Ou seja, em resumo, a pesquisa irá colaborar para que a comunidade acadêmica, os profissionais de Comunicação Social, Psicologia e Psicanálise, possam ter um panorama geral sobre o tema e, assim, disponham de um repertório que possibilite elaborar formas de intervenção na atuação clínica, especialmente.

Em relação à dimensão social, é imperioso conhecer esta dinâmica para que a sociedade, sob o prisma das políticas públicas e da atuação da Psicologia na esfera social (seja em seu caráter clínico, seja a Psicologia aplicada à área social e a Psicanálise como narrativa política), possa estudar formas de combater a problemática. Neste sentido, só é possível agir no campo macropolítico se se conhece o objeto que causa o contratempo.

Por fim, como relevância pessoal, esta pesquisa mobiliza especial atenção do pesquisador, tendo em vista que reúne três grandes temas de seu interesse – e que já vem sendo investigados há algum tempo pelo mesmo -, a saber: juventude, comunicação e suicídio. Debruçar-se sobre esta temática, para o pesquisador, é aprofundar-se numa ceara que lhe causa especial atenção, notadamente tendo em vista seu histórico acadêmico.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Juventude(s) e espírito de um tempo

Para aportar o conceito de juventude em seu sentido diverso, esta pesquisa se apoia na base epistêmica sociológica, que amplia a definição meramente biológica e parte para a análise político/simbólica deste período existencial. É importante que isso seja feito, diga-se, porque o estatuto ontológico da juventude é algo recente (MARGULIS *et al.*, 2008) e, genericamente falando, tal período é marcado por uma relação inscrita entre a imaturidade social e a efervescência biológica (no sentido de conferir, ao jovem, um jeito de ser altamente influenciado por interações hormonais). Deste modo, para alcançar a juventude como um momento marcado por questões sociais e culturais, é preciso enfatizá-la como além de uma “fase da vida”, que resulta em uma cultura juvenil homogênea e de aspectos universais (com comportamento unificados e estilos linguísticos compartilhados, etc.), e abraçar uma referenciação que aponte a juventude como um movimento heterogêneo que gera uma gama de culturas juvenis, culturas estas com tendências que não podem ser restritas a um mesmo campo representativo (PAIS, 2003).

Neste interim, é mister apresentar dados sobre a juventude nacional. Primeiro, julga-se importante destacar o modo como os próprios brasileiros visualizam o fenômeno da juventude. Desta forma, dados colhidos por pesquisa do Instituto Datafolha, em setembro de 2017, que ouviu 2.732 pessoas com idades entre 16 e 70 anos, mostram que a maioria dos entrevistados acredita que a juventude só termina aos 37 anos (este número sobe para 47 anos, entre as mulheres entrevistadas). Esta mesma pesquisa aponta que a velhice só se inicia aos 64 anos. Provavelmente isso ocorre porque há uma crescente dissociação histórica do que é ser jovem, além de elucidar a plasticidade deste conceito, na contemporaneidade (KEHL, 2009).

Não se pode esquecer, também, que a atualidade é marcada pelo arquétipo de *Puer Aeternus*, especialmente quando se passa a negar a vida adulta e todos os atributos a ela relacionados, como o princípio da responsabilidade, o fato de ter que lidar com rotinas, além da eclosão do princípio da realidade sobre o princípio do prazer, eclosão esta marcada sobretudo a partir da entrada em um modo de ser que

exige negociações com o mundo, com a frustração e com a paciência. Ora, diante de um cenário tão desafiador, existe um esforço geral – por parte da mídia, inclusive – para prolongar a percepção pessoal acerca da juventude e, se fosse possível, eliminar a fase adulta/madura e ir direto para a velhice, agora com o eufemismo da “melhor idade” (FREIRE COSTA, 2004).

Em continuidade, de acordo com Kehl (2009), fatores como o grande aumento da vida na escola, unido à complexidade e competitividade na esfera de trabalho e a crescente onda global do desemprego entre jovens faz com que seja cada vez mais complicado encarar a vida adulta como um horizonte possível e desejado. Se instala, então, uma primazia pela conservação na condição de jovem, permanência esta tutelada não apenas pela mídia, mas também pela própria família. Isso se dá de várias formas, seja a partir do surgimento da chamada Geração Canguru, seja sob a forma de uma projeção narcísica dos pais em relação aos filhos.

Por Geração Canguru entende-se uma gama de jovens que, mesmo em idade emancipatória (ou seja, a partir dos 18 anos) adia a saída da casa dos pais, a espera de um cenário menos hostil por parte do mundo. Isto, no fundo, pode ser sintoma de um processo estendido de infantilização. Os sintomas, num primeiro momento, são a negação (BIRMAN, 2013) da vida pública e de tudo o que ela traz de contraditório (como os embates corriqueiros) e a rejeição do princípio da frustração como dispositivo que molda a existência e confere ao sujeito um campo de atuação que requer aprimoramento constante.

Ainda nesta trilha, o estudo denominado “Pesquisa Agenda Juventude Brasil”, publicado em 2012 pela Secretaria Nacional da Juventude, com o apoio da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), com jovens de 15 a 29 anos, aponta para uma dificuldade em se aferir os alvos e também os centros que influenciam juventude brasileira, uma vez que há uma enorme quantidade de estímulos e possibilidades experimentados por tais jovens. É como se os jovens contemporâneos fossem bombardeados por referenciais difusos que ora se cruzam, ora se contradizem, o que acaba por gerar um ambiente confuso e polarizado que, em grande medida, colabora para o aumento de crises existenciais.

O mesmo estudo abordado anteriormente chegou à conclusão de que para 75% dos entrevistados o apoio da família é imprescindível para que se chegue a uma considerável melhora de vida, o que aponta para um grande paradoxo, pois a família aparece como fonte de ordenação idealizada, mas na prática também é uma instância

que gera mal-estar e cenários de competição. Além disso, no universo de 3,3 mil entrevistados de todos os estados brasileiros, em levantamento entre abril e maio de 2012, 74% estava trabalhando, sendo que 40% dos jovens eram remunerados por uma jornada igual ou superior a 40 horas semanais. À época – antes do agravamento da crise econômica no Brasil, que se arrasta até 2019 –, 13% dos jovens se dedicavam exclusivamente aos estudos e 21% estava desempregada – contra 30% em 2017, a maior taxa desde 1991, de acordo com o Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA).

É importante destacar que o conceito de juventude está dentro do cabedal epistemológico do que se convencionou chamar de cultura(s) juvenil(is). Neste sentido, é necessário entender minimamente sobre tema. Em George Rude *apud* Pais (2003), esse é um assunto que se refere a um conjunto de normas, símbolos, crenças e linguagem partilhadas por um dado grupo de jovens que, em linhas gerais, se apresenta sob um modo de ser e de viver. Este cenário pode surgir das próprias experiências dos jovens, ou pode ser assimilada a partir do ciclo intergeracional.

É importante destacar que não é possível falar em cultura juvenil no singular, já que as tentativas de unificar – num mesmo bojo teórico – um ideal de juventude acabam por fragmentar (MARGULIS *et al.*, 2008) a influência político-social sobre a elaboração deste conceito, o que pode abrir antecedentes para encarar as contendas juvenis como decorrentes de imperativos de ordem eminentemente individuais quando, no mínimo, são em grande medida resultantes de políticas públicas e movimentos nacionais ou internacionais.

Ainda sobre este assunto, Pais (2003) sustenta que a dificuldade de inserção do jovem no mercado de trabalho e em grupos de pertencimentos, hoje em dia, e a desafiadora pressão de países e organismos internacionais para a ampliação da escolaridade de jovens e adultos jovens, além dos já conhecidos conflitos familiares, uso de drogas, inadequação e/ou interdição perante as normas sociais, confusão no campo da sexualidade e coação exercida pelos *Mass Media* (MARGULIS *et al.*, 2008) sobre a construção de um único ideal de juventude e ideais de corpo, por exemplo, exercem um considerável impacto na formação identitária destes jovens que, em súpula, podem experimentar uma perigosa fragmentação das funções conscientes (egóicas), o que acaba levando a medo do futuro e desespero em relação ao presente.

Deste modo, é imperioso partir da conjectura de que se está a falar de “juventudes” em conflito, e para mapear minimamente esta profusão de significados que surge de modo singular em diferentes indivíduos e em distintos grupos, faz-se

necessário visitar o cotidiano destes jovens (KORNBLIT *et al.*, 2008). Na Psicanálise (e em toda a Psicologia Profunda, como a Analítica), esta investigação se dá sob a forma de “observação clínica”. Neste espaço, o *setting* terapêutico, é possível compreender melhor o contexto histórico, econômico e familiar, e arrolar as narrativas que exercem alcance sobre estes jovens, como as oriundas do núcleo parental e enunciados midiáticos, por exemplo.

Por outro lado, a partir da perspectiva reducionista dos *Mass Media*, há sempre o risco de se continuar a replicar o conceito de juventude (PAIS, 2003) apenas a partir de uma áurea de idealização ou como replicadora de uma perspectiva inalcançável (BAUMAN, 2007), universalista, planificadora e homogênea – o que acaba por aumentar a pressão sobre os jovens, que se veem sempre aquém do que a sociedade e a família espera.

É necessário abandonar o discurso meramente idealista, mas também o excessivamente biologicista, e aderir a um compêndio que inclua o pressuposto que a juventude é uma construção sociológica (ABRAMO *et al.*, 2007), socialmente construída, fruto de circunstâncias de ordem política, econômica e social, provável de sofrer alterações – tanto no modo como o próprio jovem se enxerga quanto na maneira como a sociedade visualiza e projeta esta juventude – em seu significado no decorrer do processo histórico. Assim, não há um constructo teórico que possa abarcar, em si mesmo – sem que leve em conta a interdisciplinaridade –, o conceito de juventude (MARGULIS *et al.*, 2008).

Abordar sobre juventudes exige mais que aceitar que o conceito é uma construção histórica, social e cultural; ele só pode ser alcançado de modo interdependente (BOURDIEU, 1983), em relação a outras categorias tais como gênero, raça, classe social, escolaridade e pertencimento (ou não) religioso. No mais, a juventude é exercida a partir de relações intergeracionais, ou seja, ela está no limiar da infância e da aceitação integral da maturidade adulta (VON FRANZ, 1992), cujo momento histórico, por entender o ideal de juventude eterna como um grande filão mercadológico (KEHL, 2009), acaba por propagar tal ideal notadamente pela mídia, numa tentativa de homogeneização de tendências de comportamento e valorização do “novo” – mas um novo que não aceita o excesso de singularidade, como o minimalismo, por exemplo. Sob pena de colapsar o consumo a partir da ótica dos processos de comparação e repetição.

E é aí onde se encontra o calcanhar de Aquiles, pois não se pode falar num único modelo de jovem; antes, no entanto, o que existe são diferentes modos de se viver a juventude, sob pena de a insistência em replicar padrões hegemônicos acabar por fazer eclodir uma série de distúrbios (BIRMAN, 2013) que podem, inclusive, levar os jovens a experimentar estados depressivos e tentativas de auto aniquilação.

Faz necessário também pontuar o conceito de juventude a partir de sua variabilidade quanto ao gênero, sobretudo em relação ao olhar masculino. Assim, mesmo tendo em vista que este não seja o foco desta pesquisa, os estudos de Schwarz (2008) revelam que os jovens replicam em suas dinâmicas corriqueiras um jogo de códigos socioculturais que permeia a sociedade como um todo, sobretudo no que diz respeito a construções históricas baseadas no patriarcado⁷, onde se pode aferir que historicamente há sentidos e cobranças diferentes para os meninos e para as meninas, sendo que a estas últimas era vedada um repertório de prerrogativas, ao passo que, no passar dos anos, vêm diminuindo as distâncias entre homens e mulheres – mesmo que persista uma diferenciação em várias áreas –, sobretudo nos campos do consumo, do trabalho, das profissões e no ensino superior.

Em outras palavras os jovens também podem reproduzir práticas sociais típicas de seu tempo, e reelaboram formas de interação no mundo que impactam em suas subjetividades e podem reforçar estigmas. Isso ocorre porque pertencer a um gênero em acordo com as expectativas coletivas facilita e muito a vida do jovem – embora haja muita cobrança em torno de performances previamente ajustadas no que concerne às masculinidades. De qualquer forma, entre as mulheres a pressão se dá de modo ainda mais voraz, pois elas são submetidas a uma lógica em que, na primeira metade da juventude, saem de uma submissão aos pais e, passada esta fase, passam a submeter-se aos maridos.

De qualquer modo, mesmo que persista a diferença de status entre gêneros e que ainda prevaleça o sistema sócio-político do patriarcado como força ideológica ainda hegemônica – e que se replica nas narrativas midiáticas sob diversas formas (ANJOS *et al.*, 2008), na modernidade tardia o imprescindível pressuposto da realização profissional e das liberdades individuais ganha cada vez mais força, no que

⁷ De acordo com a filósofa feminista Márcia Tiburi (2007), o patriarcado é um sistema de representações que replica de modo injusto os papéis de gênero, com proeminência para o sexo masculino e desprezo aos aspectos relacionados ao mundo feminino. Neste sentido, o patriarcado é fruto de uma construção social que oprime a mulher e, em alguma medida, aprisiona o homem num papel previamente estabelecido.

Harari (2016) aponta para um cenário em que ocorreu o humanismo liberal sobre outras formas ideológicas de humanismo (como o humanismo socialista e o humanismo nazifascista). Vale ressaltar que a dinâmica humana – e por conseguinte, a história – é fluída e imprevisível. Perceba-se, por este prisma, a guinada que o Brasil e o mundo deram mais à direita, com o apelo a um sistema de crenças conservadoras. Os próprios jovens podem enveredar por estas paragens, sobretudo se estiverem marcadamente movidos pelo medo do futuro.

Especificamente sobre o conceito de juventude tal e qual se conhece nos dias de hoje, Mendes *et al.* (2003) diz que tal definição se refere a jovens de classe média de países ricos, cuja gênese só ganhou notoriedade a partir da Segunda Guerra Mundial, quando estes jovens passam a existir a partir do status de consumidor – o que ocorre em paralelo à decadência da dimensão cidadã, por participação política dos sujeitos, e do fortalecimento da mídia como instância que provém valores simbólicos (MOURA, 2018). Há de se destacar, também, que os feminismos fazem surgir e/ou ampliam lugares de fala, onde a mulher passa a socializar-se a partir do espectro da liberdade econômica, sexual e social (MENDES *et al.*, 2003), o que força a (re)pensar um lugar para a juventude, não mais associada exclusivamente à dimensão das masculinidades.

O surgimento dos fatores acima, somados à crescente popularização e influência da mídia, sobretudo a partir da segunda metade do século passado, faz surgir formas de socialização moldadas por identidades juvenis ora nascidas do ceio da cultura, ora frutos da incubação de significados pela mídia.

Para Kehl (2009), a chegada da juventude à seara invejável da dimensão do consumo cobrou um preço elevado, notadamente com o florescimento de uma cultura do narcisismo patológico, da ação pueril (de Puer Aeternus) e do hedonismo, onde o insistente processo de capturar o olhar do outro e a excessiva prerrogativa de direitos dão a tônica. E este perfil – que, no final das contas, é apenas um ideal, já que o princípio da realidade sempre se sobrepuja ao princípio do prazer – não se encerra apenas entre jovens de elite econômica ou de classe média.

Por se tratar de uma dinâmica marcada pelo consumo e dentro de uma cultura ritmada pelo processo industrial – planejado e homogêneo –, as trocas interpessoais se dão por imagens midiáticas que abarcam todas as classes, já que nenhuma delas, mesmo as mais privilegiadas, não consegue representar a totalidade do cabedal de possibilidades apresentadas na contemporaneidade. Só que, como bem pontua Von

Franz (1992), a gama de possibilidades quase sempre vem acompanhada de uma angústia persistente, num cenário em que o erro passa a ser intolerável, aumentando assim a pressão social sobre as escolhas dos jovens.

No mais, Bourdieu (1983) destaca que o conceito de juventude a partir do imperativo da idade se dá de modo arbitrário e, em muitos casos, é fruto de um processo auto avaliativo. Isso ocorre pelo fato de o entendimento sobre o que seja juventude variar de sujeito para sujeito, como ficou bem claro no decorrer deste texto, e corroborado por recente pesquisa da Folha de S. Paulo, ao mapear que boa parte das pessoas entrevistadas (independente da faixa etária) se considera jovem⁸. Há, desta forma, uma permeabilidade interna, subjetiva, que certamente tem que ser levada em conta, em que pese a defesa de Margulis *et al.* (2008), que aponta para os riscos em se negligenciar a predominância dos critérios de ordem biológica na categorização e catalogação da juventude, uma vez que ao se referendar numa definição excessivamente social e/ou filosófica, há sempre o risco de se reduzir a juventude a um signo distante da realidade, além de colaborar para o processo de infantilização do sujeito.

A partir deste pressuposto, adentra-se a noção de juventude como um período que envolve uma espécie de intervalo marcado pela moratória social (ERIKSON, 1976), ou seja, a modernidade conferiu à juventude uma cessação temporária de responsabilidades e obrigações, oferecendo assim determinados privilégios (claro, em se tratando de uma geração millenium⁹ de classe média), provavelmente como fruto das projeções narcísicas (BIRMAN, 2013) dos pais e que, como efeito colateral da dissonância em relação ao princípio da realidade, tende a desenvolver uma inabilidade para entrar na vida adulta. Esta perspectiva começou a ser gestada no pós-guerra e chega a seu ápice nos dias de hoje, onde a ambivalência dá o tom: ora o jovem de classe média é poupado, ora é excessivamente cobrado (vide o que ocorre nos cursinhos preparatórios para o vestibular).

⁸ Brasileiro diz que juventude acaba aos 37 e velhice começa aos 64 (pesquisa do Datafolha de 2017). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1938234-brasileiro-diz-que-juventude-acaba-aos-37-e-velhice-comeca-aos-64.shtml>. Acesso em: 16 out. 2019 (acesso com senha).

⁹ Os millennials, também conhecidos como a geração Y, são aqueles nascidos entre 1979 e 1995. Hoje, suas maiores preocupações e objetivos são coisas como mudar ou conseguir um emprego, viajar ao exterior, comprar uma casa ou apartamento e começar ou voltar a estudar. Os que nasceram mais pro final dos anos 90 adoram a filosofia YOLO (You Only Live Once/Só Se Vive Uma Vez). 89% se identificam com esse estilo de vida. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/marketing/existem-dois-tipos-millennials-muito-diferentes/>. Acesso: 16 out. 2019.

Além deste conceito de moratória social – que Chauí (2006) irá apontar como um gatilho utilizado pela mídia para tentar compor narrativas para influenciar construções subjetivas em seus distintos públicos –, há o de moratória vital. Trata-se de um cenário em que o jovem pode contar, além da permissão social para adiar a entrada na vida adulta, desde que tenha aporte financeiro para tal (MARGULIS *et al.* 2008), certo grau de energia que possibilite os excessos.

Desta forma, é interessante frisar que os jovens e adultos jovens de classes sociais mais elevadas se distanciam dos jovens de classe baixa, pois aqueles possuem mais tempo para a escolaridade e, assim, postergam a entrada definitiva no mercado de trabalho e na adesão de contratos de médio e longo prazo (como o casamento), além de terem tempo para “exercitar” a moratória vital, seja através do abrasador cuidado com o corpo (BIRMAN, 2013), seja através da interação com o mundo a partir da lógica do turista (BAUMAN, 2011). Um jovem que tem tempo, recursos financeiros e incentivo para agir pelo princípio da mobilidade e extraterritorialidade. Obviamente que estas permissões, que de longe não representam nenhuma possibilidade de frustração, também cobram um preço psíquico, pois como é sabido na Psicanálise, educar necessariamente implica em frustrar. De acordo com alguns estudos, jovens que não se submeteram ao princípio da castração aparecem como mais propensos a contravenções (BIRMAN, 2013).

Em relação ao jovem de classe baixa, pegue-se o exemplo dos negros. Eles tendem a sofrer dupla pressão. Não por menos, recente levantamento realizado pelo Ministério da Saúde¹⁰ apontou que de cada dez jovens com idade entre 10 a 29 anos que cometem suicídio, seis deles são negros. É um dado assustador, e sobre isso Margulis *et al.* (2008) defende que os jovens de camadas sociais menos privilegiadas carecem de recursos financeiros e tempo para conseguir permanecer por muito tempo na moratória social.

Ora, isso ocorre porque estes jovens logo têm que inserir-se na dinâmica do trabalho – seja para ajudar na renda familiar, seja para custear as próprias despesas – e, de quebra, também acabam se casando mais cedo. Desse modo, são forçados a entrar mais cedo no universo da vida adulta. A moratória vital, no entanto, confere aos jovens de qualquer classe social a sensação de estar imune às intempéries da

¹⁰ Jovens negros são maioria em casos de suicídio no Brasil. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/jovens-negros-sao-maioria-em-casos-de-suicidio-no-brasil/>. Acesso: 17 out. 2019.

impermanência da vida, já que tais jovens, em perspectiva histórica, se veem muito distantes da velhice e mesmo da morte. A ênfase, no entanto, é dada mais à moratória social, diferencial em relação às classes e, de fato, fator gerador de consumo (BAUMAN, 2011). Afinal, para se viajar, modelar o corpo ou usufruir de tempo, na contemporaneidade, se requer um aporte financeiro minimamente adequado.

A noção de juventude, então, está calcada, sobretudo, neste ideal de jovem desprovido de responsabilidades, com tempo suficiente para uma série de práticas ligadas à mobilidade (como viagens, esportes e o cuidado com o corpo como um todo, já que este permite a maleabilidade adequada para se obter o movimento ideal, tornando-se também objeto de desejo). É importante ressaltar, também, que a noção de juventude varia quando se aplica o recorte de gênero. Aos jovens do sexo masculino parece haver maior permissividade quanto à moratória social, o que é vedado em maior grau às garotas e que pode justificar, de certa forma, a exaltação do modo de vida pueril para os homens, que são elogiados socialmente – e nas representações da mídia – por manterem-se alinhados a um ideal de juventude (VON FRANZ, 1992).

Este conjunto de informações acerca da juventude acaba por configurar numa retórica de hipervalorização da mesma. Desta forma, para reafirmar a juventude também é preciso trabalhar o corpo para prolongar tal juventude e retardar o envelhecimento (BIRMAN, 2013), tal como ocorre nas narrativas cinematográficas dos heróis de Hollywood. Como corolário, ao jovem lhe é garantida a possibilidade de participar da festa do consumo (BAUMAN, 2007), desde que este tenha as condições financeiras mínimas para tal. De modo geral, no entanto e como baliza Bourdieu (1983), sempre que se falar em juventude é necessário relacioná-la a uma série de fatores e, na perspectiva de investigação científica, perceber que há uma profusão de representações desta parcela da sociedade que varia de região para região (dentro do mesmo país), e de país para país.

2.2 A comunicação como (re)produtora de subjetividades

De acordo com Okuma (1996) é cada vez mais crescente o número de pessoas que adere a programas de atividades físicas em academias de musculação. Em Marinho; Guglielmo (1997) isso ocorre por fatores que vão da busca por uma estética corporal diferente, passando por questões de saúde – correção de problemas físicos,

diminuição ou aumento de peso, controle de pressão arterial, por exemplo – até a redução de estresse. Mas, afinal de contas, o que motiva jovens, adultos jovens e, mais recentemente, idosos, a frequentarem tais espaços, levando-se em conta que três décadas atrás não havia esta demanda, ao menos de modo tão exacerbado? (FREIRE COSTA, 2004). De acordo com Tahara; Schwartz; Silva (2003) isso ocorre, sobretudo, porque nas últimas décadas a mídia vem reproduzindo sistematicamente padrões estético-corporais e é fonte influenciadora da adesão dos novos adeptos das práticas físicas corriqueiras.

Para Castro (2001), nas sociedades modernas o culto ao corpo está invariavelmente ligado à associação da beleza como valor civilizatório, por um lado, e aos efeitos do capitalismo tardio sobre o psiquismo dos sujeitos, por outro lado. Sobre o segundo aspecto, a mídia teria encampado o discurso que apela para o hedonismo e o narcisismo como características geradoras de insatisfação, e que levam as pessoas a consumirem como um modo de posicionar-se e ressignificar-se no mundo.

O corpo, neste sentido, entraria como um produto simbólico a ser consumido. Mas para que se chegasse a este momento histórico foi necessário que a propaganda e os higienistas, a partir do Pós-Guerra, difundissem os novos signos estéticos – que Goldhill (2007) não vê nada de novo. Ora, com o liberalismo transitando da dinâmica da produção para o imperativo do consumo (FREIRE COSTA, 2004), é necessário produzir necessidades, por um lado, e modelos a serem imitados, de outro lado. Campbell (2005) já havia pesquisado exaustivamente, no século XX, a inclinação individual e coletiva para a busca e replicação de padrões universais.

Neste sentido, Morin (2005) argumenta que a mídia desenvolve e se utiliza de modelos paradoxais, pois se assemelham de forma incontestável ao público em geral, no que há de mais comum em suas vidas, mas que ao mesmo tempo levam um padrão de vida inatingíveis (pelo menos não de forma perene). São os “olimpianos”, ou novos olímpicos, celebridades midiáticas transformadas em sobre-humanos, quase míticos, que têm suas vidas privadas escrutinadas no que há de mais superficial e fantasioso. Esta dinâmica geraria no espectador, ou no indivíduo que interage em rede eletrônica, a ideia de aproximação e de identificação. Surge então a projeção do espectador, que constantemente vê-se representado – e convidado a viver – pelo estilo de vida do olímpico.

Neste contexto, de acordo com Carvalho (2009), a mídia exerce influência direta porque ela não está desprovida de intenções. Para tanto, o autor se utiliza da

Teoria do Enquadramento ao defender que, por optar deliberadamente por alguma ênfase noticiosa – como no caso de um ideal de corpo exposto exaustivamente no programa televisivo brasileiro “Malhação” – o público juvenil é instado a acionar o desejo de concretizar práticas até então apenas virtualizadas (formas de relacionamentos, tonificação muscular, modos de linguagem). Isso ocorreria porque a disseminação repetitiva de dado conteúdo aciona fruidores interpretativos que levam o expectador a se identificar com as práticas universais veiculadas pela mídia. Desta forma, a mídia em geral e o jornalismo em particular não apenas reproduzem modos sociais de ser, eles participariam ativamente da construção social da realidade.

A partir do olhar de Foucault (1987) e Deleuze (1992) a mídia não é a única responsável pela construção das subjetividades e identidades. No entanto, ela exerce papel preponderante neste processo, já que é fonte inesgotável de modelos que acabam por influenciar a história, quando colocada em perspectiva. Sair dos extremos, ou seja, da ideia de que a mídia é a única responsável pela forma como novos padrões comportamentais eclodem, ou de que a mídia apenas reproduz os modos de vida que surgem do ceio da sociedade, indica ser uma tarefa emergente.

Como lembra Morin (2005), parte dos intelectuais ainda usa um discurso dicotômico ou polarizador quando o assunto é a influência da mídia sobre as maneiras de agir da população, como se esta criasse um *modus operandi* que acaba por culminar compulsoriamente na alienação e na padronização da vida cotidiana. A mídia, assim, dialoga constantemente com o imaginário de seu público e, em muitos casos, por ele é influenciado, numa relação dialética onde dominado e dominador – no campo ideológico – se confundem. Sobre o tema, a partir do olhar de Birman (2013), apenas ao se ouvir os sujeitos é possível entender de que modo um determinado grupo é impactado pela mídia.

De qualquer formar, pelo ponto de vista psicanalítico (a partir do princípio da realidade) e analítico (que leva em conta a recusa de discursos polarizados), é sempre um risco atribuir à mídia toda a culpa por um estado de coisas que, em última instância, moldam as subjetividades. Para tanto, como diria Morin (2005), o princípio da interdependência observa a mídia como apenas um, entre tantos outros, dispositivos de controle e grupos referenciais, que pautam os indivíduos em suas buscas particulares por tomadas de decisões.

Ora, isso é passível de compreensão, sobretudo a partir de estruturas dedutivas, que a mídia compete com a própria história familiar do indivíduo (que o

torna mais ou menos propenso a determinados “movimentos”), além de concorrer com predisposições intelectuais, cognitivas, e com instituições como o trabalho, a igreja etc. Fatores como renda, idade, etnia e crenças também entram no bojo das possibilidades que interferem mais ou menos no fato de algum jovem sofrer influência da mídia. Desta forma, o receptor não está isolado, ao contrário. E a mídia é apenas mais um – pode ser o principal, em alguns casos – referencial, dentro de uma complexa rede comunicativa, que se retroalimenta e se expande em escala exponencial.

É mister observar, no entanto, que algumas pessoas têm mais probabilidade de acionar os mecanismos de defesa. Desta forma, também têm mais probabilidade de filtrar o que se consome, em termos midiáticos. Isto, obviamente, requer uma capacidade de saber recolher as próprias projeções, além de diferenciar as projeções de terceiros, sem que, com isso, seja necessário bloquear fronteiras de contato, pois toda comunicação, na linguagem psicanalítica, requer necessariamente que haja transferência e contratransferência.

Então, neste ponto, quando determinadas narrativas midiáticas – notadamente a partir de padrões imagéticos inalcançáveis para determinados jovens – não coadunam com as perspectivas subjetivas do sujeito, e este não consegue, como mecanismo de defesa, realizar as dissociações necessárias para a manutenção da integridade do ego, este pode vir a flertar com a fragmentação, a partir de uma cisão com um narcisismo elementar, o que pode fazer eclodir impulsos indesejados, de auto aniquilação. Nos casos emergentes, não há energia para o aparecimento das formações reativas, e o sujeito pode sucumbir às pulsões, em grande medida por não considerar que exista um horizonte existencial possível (BERGERET, 2006).

De qualquer forma, como pontuou Jung (2014), as sínteses existenciais, decorrentes inclusive do jogo de forças que eclode como um fenômeno em eterno devir, diante dos jovens, não são passíveis de entendimento prévio. Ou seja, a princípio não é possível saber de que forma uma pessoa irá reagir diante de um estímulo midiático, muito embora alguns estudos apontam, de modo tácito, que a exposição a determinados produtos da mídia, como a rede social Instagram, tem uma potencial capacidade de fazer eclodir distúrbios mentais em jovens. É por isso que, para saber de que forma isso ocorre num dado recorte sociodemográfico, esta pesquisa de TCC se debruça.

2.3 O desafiador panorama do suicídio

Para falar de suicídio – antes mesmo de iniciar um panorama atual desta problemática -, é necessário recorrer a Durkheim (1987). Ora, é este pensador, fundador da Sociologia Moderna, que a partir do livro *O Suicídio* levanta um dos mais amplos e ainda atuais diagnósticos das causas macrossociais do suicídio. Continua atual como nunca, sobretudo para fazer frente a uma tentativa recorrente de setores da Psicologia em se aliar a discursos higienistas e que, em alguma medida, dão excessivo peso ao princípio da individualidade, a partir de processos orgânicos internos e inabilidades sociais, como desencadeadores da ideação suicida. Nada poderia ser mais falacioso.

Para o sociólogo francês, o fenômeno do suicídio tem que ser estudado pelo prisma da dissolução ou da conservação do aspecto social, que ocupa o lugar central na gênese de tal processo. É um concorrente e tanto ao princípio meramente da saúde (e das interações bioquímicas), bem como à evocação de dados padrões comportamentais. Tal ênfase se alia a visão psicanalítica predominante na América Latina, que logo se identificou com uma epistemologia aderente às visões de mundo socialistas/progressistas.

Pois bem, ainda de acordo com Durkheim (1987), o suicídio depende mais de uma tendência social do que de uma etiologia e/ou estado psicopático e psicológico. É uma visão provocante, pois ele aponta para o princípio da coletividade como causa primária, num cenário em que o que existe, de fato, é uma disposição social para o suicídio, ou seja, determinados grupos sociais geram sujeitos que, dependendo da forma como se integram e se regulam a dado grupo – pelos preceitos morais e funções normativas – geram distorções. Isso ocorre pelo princípio da polarização, o que pode levar o indivíduo ao suicídio se este se identificar excessivamente com um dos polos (a hiper identificação ou hiper rejeição de dada norma, por exemplo).

Ainda sobre este fenômeno, o sociólogo francês catalogou quatro tipos de suicídios – que não é intenção desta pesquisa se alongar muito sobre tais concepções. Quais são: Egoísta, Altruísta, Anômico e Fatalista. De forma muito breve, o suicídio Egoísta ocorre quando alguém depende menos do coletivo, mais de si próprio, e seus

interesses pessoais passam a nortear mais as suas ações. Até este ponto, não há nenhum problema. O gargalo ocorre quando o sujeito perde o significado de suas ações, mergulhado em sua visão excessivamente individual. Isso é agravado se o projeto individual se fragilizar e entrar em colapso por falta de integração social.

Em relação ao suicídio Altruísta, é resultado direto do excesso de integração com a sociedade, num cenário de grande negligência do princípio da individualidade. Trata-se de um suicídio até estimulado pela sociedade, que projeta no sujeito suicida uma perspectiva de redenção/purificação pelo ato de morte, transformando tal ação num ato heroico. Ou seja, neste panorama, o ego não é privativo ao indivíduo, mas à sociedade. Isso ocorre – e se espera – de heróis, líderes carismáticos e religiosos etc.

Sobre o suicídio Anômico, é resultante de uma quebra da ordem social (neste sentido, quando há a ausência do princípio organizador e regulador da sociedade), fazendo com que o sujeito perca o vínculo que gera segurança mínima entre este e a sociedade. O suicídio Fatalista, por sua vez, é o oposto: ocorre por excesso de controle da sociedade. Se dá em sociedades excessivamente controladoras, num cenário em que os sujeitos, tolhidos em sua perspectiva individual, não veem outra saída a não ser tirar a própria vida. É neste contexto que o suicídio pode ser encarado como uma afirmação plena do direito à liberdade, muito embora, na Psicologia atual, o fenômeno é predominantemente visto com terror e como algo que, necessariamente, precisa ser encarado como demérito (KOVÁCS, 2018).

Dito isto, deve-se levar em conta que o suicídio constitui uma importante questão de saúde pública no mundo. Na última década, a média aponta que aproximadamente 800 mil pessoas morreram anualmente por suicídio no mundo, o que corresponde a uma taxa global ajustada de 11,4 por 100 mil habitantes (15,0 para os homens e 8,0 para as mulheres), sendo essa a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, atrás apenas de acidentes de trânsito (OMS *apud* BBC NEWS, 2019). Neste ano de 2020 a Organização Mundial de Saúde estima que mais de 1,5 milhões de pessoas vão cometer suicídio (PINTO *et al.*, 2012).

Segundo a World Health Organization (2014), a idade é fator importante na ocorrência do suicídio. Taxas de mortalidade mais elevadas entre pessoas com 70 anos ou mais, em comparação com idades mais precoces, são observadas em quase todas as regiões do mundo.

No Brasil, de 2000 a 2012, foram registrados 112.103 óbitos por suicídio em maiores de 10 anos de idade, com aumento de 26,5% na taxa de mortalidade, que

passou de 4,9 em 2000 para 6,2 por 100 mil habitantes em 2012 (MACHADO; SANTOS, 2015). Esclarecem ainda Ribeiro; Moreira (2018) que, para o período de uso do CID-10 no país entre 1996 e 2015, os dados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) mostraram para estes vinte anos um total de 172.051 suicídios. Dentre estes, foram registrados 52.388 casos de jovens entre 15 e 29 anos de idade (30,5%).

Outra importante informação ainda é trazida por Cicogna; Helleheim; Hallal (2019), de que de 2000 a 2015, no Brasil, ocorreram 11.947 mortes por lesões autoprovocadas intencionalmente em indivíduos de 10 a 19 anos. Isso representa 8,25% do total de óbitos por suicídio em todas as faixas etárias no período. A maior parte (85,32%) dos suicídios na faixa etária estudada aconteceu em adolescentes de 15 a 19 anos.

A maioria dos óbitos por suicídio em adolescentes no Brasil no período ocorreu na população masculina (67,31%) e a proporção da mortalidade entre a população masculina e a feminina foi de 2,06:1 em todo o período, taxa ligeiramente menor que a encontrada entre homens adultos ou idosos, segundo se verá nas pesquisas a seguir.

Em estudo feito por Mello-Santos; Bertolote; Botega (2010), demonstrou-se que durante as duas décadas avaliadas a proporção de homens que cometeu suicídio foi consistentemente superior à das mulheres, independentemente da idade – no geral, cerca de 2,3 a 4 vezes mais homens do que mulheres brasileiras se suicidaram. E, em relação à faixa etária, revelou que indivíduos acima de 65 anos representam o estrato com as maiores taxas de suicídio ao longo dos 20 anos estudados.

Cabral e Pendloski (2018) observaram em seu estudo, cujo período compreendeu os anos de 2003 à 2012 nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, observando que nos três estados o suicídio entre homens é maior do que entre as mulheres sendo que, no Paraná, os óbitos são de 705 do sexo masculino (82,02%) e 134 do sexo feminino (15,98%), no total de 839 óbitos. No estado de Santa Catarina foram registrados 715 óbitos do sexo masculino (81,90%) e 158 do sexo feminino (18,10%) no total de 873 óbitos. A análise do estado do Rio Grande do Sul constou óbitos em 2054 do sexo masculino (81,51%) e 466 do sexo feminino no total de 2520 óbitos.

Para grande parte dos idosos que se suicidaram, as questões de honra vêm associadas a perdas de bens, status e prejuízos nos empreendimentos; há casos em

que a reputação fora maculada, ou que enfermidades os tornaram impotentes. Para os homens, o fator desencadeador associado ao suicídio que ganha mais relevância é a perda de status que o trabalho ou o emprego confere, o que cria neste grupo uma impressão de ausência de lugar social que o recolhimento à vida privada não chega a preencher (MINAYO *et al.*, 2012).

Em outra pesquisa observou-se que os óbitos por suicídio entre homens foram três vezes mais frequentes que entre mulheres (1210 versus 366 óbitos, respectivamente). Em sua grande maioria (86,5%), estes óbitos ocorreram na população branca, majoritariamente na faixa de 20 a 49 anos de idade, com escolaridade variável. A Tabela a seguir sumariza o perfil dos óbitos por suicídio no período de 2001 a 2016 (CAMPO ARÁUZ; APARICIO, 2018).

Tabela 1 - Perfil de óbitos por suicídio no período de 2001 a 2016

	n	(%)	Taxa de mortalidade bruta para 100.000 habitantes/ano
Sexo			
Masc	1210	76,8	86,6
Fem	366	23,2	26,2
Raça/Cor			
Branca	1363	86,5	97,6
Preta	122	7,7	8,7
Amarela	2	0,1	0,1
Parda	77	4,9	5,5
Indígena	1	0,1	0,1
Ignorado	11	0,7	0,8
Faixa etária			
10 a 14 anos	15	1,0	1,1
15 a 19 anos	82	5,2	5,9
20 a 29 anos	356	22,6	25,5
30 a 39 anos	317	20,1	22,7
40 a 49 anos	297	18,8	21,3
50 a 59 anos	252	16,0	18,0
60 a 69 anos	144	9,1	10,3
70 a 79 anos	74	4,7	5,3
80 anos e mais	38	2,4	2,7
Escolaridade			
Nenhuma	13	0,8	0,9
1 a 3 anos	141	8,9	10,1
4 a 7 anos	189	12,0	13,5
8 a 11 anos	146	9,3	10,5
12 anos e mais	185	11,7	13,2
Ignorado	902	57,2	64,6

Fonte: Campo Aráuz; Aparicio (2018)

Segundo Ribeiro e Moreira (2018), é possível observar o aumento dos graus de mortalidade por lesões auto infringidas no país e aumento da participação de diferentes faixas etárias de adolescentes e jovens com um padrão de destaque. As séries que mais se destacam e de maior abrangência seguem a tradição da literatura

especializada e os dados comparados a padrões internacionais com relação ao risco crescente para as populações mais jovens.

Segundo os autores anteriormente citados, há uma afluência de jovens de 10 a 19 anos aos serviços de urgência e emergência com a participação de 18,8% dos atendimentos para o grupo de lesões autoprovocadas, como destacado acima. O risco alto de suicídio entre jovens de 18 a 24 anos que sofreram algum tipo de abuso sexual ou associado a uma série de exposições não controladas a drogas e sexo são elementos importantes para as políticas setoriais.

Riscos associados a questões de gênero de caráter homoafetivo são evidenciados em estudo populacional, sendo os mesmos riscos observados quanto a classificação de depressão. Estes estudos mais específicos de base populacional revelam aspectos importantes para as explicações sociológicas por se remeterem a fatores comportamentais. Igualmente, os estudos ecológicos realçam a influência dos fatores socioeconômicos.

Nesse sentido, a adolescência é um período de transição em que o indivíduo é especialmente vulnerável a reagir com atitude suicida em resposta a conflitos. História de adoção, homossexualidade, bissexualidade ou o questionamento da orientação sexual, história de abuso sexual, depressão e outros transtornos psiquiátricos, estresse pós-traumático, abuso de substâncias e uso patológico de internet estão entre fatores de risco para o suicídio entre adolescentes. Além disso, adolescentes são mais influenciáveis por exposição midiática do que adultos e podem imitar comportamentos vistos na televisão ou nas redes sociais, com potencial para epidemias de suicídio quando o assunto é exposto.

O suicídio não é comum antes dos 15 anos de idade, porém a sua ocorrência aumenta gradativamente na adolescência. Em todo o mundo, adolescentes do sexo masculino têm maior expectativa de morrer por suicídio do que as adolescentes do sexo feminino, sendo a taxa entre os meninos de 15 a 19 anos até seis vezes mais alta do que a taxa em meninas na mesma faixa etária. O suicídio, no entanto, também é um fenômeno de forte impacto na população feminina, representando uma das principais causas de morte neste público - idade entre 15 a 19 anos (CICOGNA; HILLESHEIM; HALLAL, 2019).

Os homens acabam por optar por métodos mais violentos e letais. A exemplo disso, precipitação de lugar elevado foi descrita em 12% dos casos de suicídio entre homens residentes em São Paulo, usuários de bebida alcoólica (ROSA *et al.*, 2016).

A escolha de métodos mais violentos para o suicídio, em sua maioria, acarreta a morte, enquanto os métodos de menor grau de letalidade possibilitam que o resgate pelos profissionais do serviço de atendimento pré-hospitalar seja realizado, aumentando as chances de sobrevivência da vítima por esse evento. No entanto, é importante considerar que a utilização de outros métodos não fatais não indica necessariamente que a intenção do indivíduo era menos séria (MINAYO *et al.*, 2012). Nesse sentido, pode-se citar pesquisa de Carmo (2018) onde 85,4% da taxa de óbitos por suicídio foi entre homens, sendo que 64,3% dos óbitos decorreram de enforcamento/estrangulamento, seguidos de autointoxicação por pesticidas e produtos químicos (13,1%).

Estudos apontam ainda a predominância de mortes por suicídio entre homens e de tentativas entre mulheres, bem como a presença de métodos como enforcamento e armas de fogo na população masculina e intoxicação por medicamentos na feminina (BANDO *et al.*, 2012). A alta taxa de mortalidade entre homens está relacionada à letalidade do método utilizado, o que explica o elevado número de atendimentos ao público feminino nos ambientes hospitalares (MAGALHÃES *et al.*, 2014; VIDAL; GONTIJO, 2013). Ainda, a presença de transtornos mentais e histórico de tentativas de suicídio são apontados como fatores de risco importantes para novas tentativas (BOTEGA, 2015).

Cabe concluir ainda que, em relação aos custos das internações por tentativa de suicídio, no Brasil existe uma variabilidade grande determinada pelas regiões geográficas, tendo a região Sudeste a maior concentração dos gastos (cerca de 60%), que poderia estar associada ao maior contingente populacional da região. Por sua vez, as internações que ocorrem no Nordeste têm maior custo diário, porém apresentam menor tempo total de hospitalização e, por consequência, menor valor médio de internação (SILVEIRA; SANTOS; FERREIRA, 2012).

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa é qualitativa, composta por um Estudo de Revisão Sistemática, com Finalidade Metodológica por Pesquisa Básica, com procedimento metodológico tipo Pesquisa Bibliográfica, e tratamento dos dados a partir da Análise Temática contida na Análise de Conteúdo. Desta forma, por Revisão Sistemática entende-se como uma síntese que busca, com rigor científico – a partir do princípio da neutralidade – pesquisar questões específicas, notadamente tendo como ponto de partida o delineamento de palavras-chaves que, no caso em questão, irá dar um panorama geral do que vem sendo produzido e publicado pela comunidade acadêmica sobre o tema (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Em relação à pesquisa Qualitativa, tal modelo investigativo é usado para contemplar a complexidade da dimensão humana, que apenas pode ser “quantificável” em dada medida, nunca em sua totalidade (JUNG, 2014), sob o risco de um pesquisador admitir, mesmo sem querer, que já conhece toda a dimensão psíquica humana, o que é inconcebível e tiraria a Psicologia (positivismo) e a Psicanálise (método investigativo próprio) da categoria de ciências e as inscreveria na categoria de “crenças” (no sentido de fechada a críticas e atualizações).

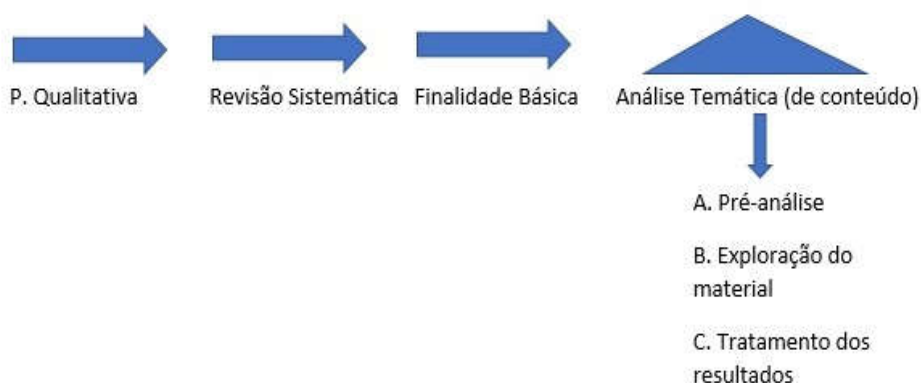
Não faz sentido buscar a cientificidade por ela mesma, porque o método é apenas instrumento. Faz sentido, isto sim, fazer ciência para conseguirmos condições objetivas mais favoráveis de uma história sempre mais humana. É um absurdo sarcástico jogar fora da ciência o que não cabe no método. (DEMO, 1999, p. 129)

Desta feita, uma metodologia qualitativa e sustentada num referencial bibliográfico sólido reforça a abordagem hermenêutica necessária para que se atinja a capacidade de o ser humano refletir sobre sua própria natureza e lugar no mundo, através das interações do dia-a-dia ou mesmo debruçando-se sobre as variáveis que eventualmente influenciam em suas decisões. Isto fica claro no *setting* terapêutico e nas produções acadêmicas de pesquisadores da Psicologia.

Sobre a Revisão Sistemática, trata-se de uma estratégia que se diferencia da revisão tradicional, puramente bibliográfica, porque é mais focada – menos difusa –

e, neste sentido, acaba por gerar dados concretos, dados estes que podem e devem ser convertidos em números, gráficos, para melhor ilustrar o cenário global da pesquisa. Neste ínterim, há um passo a passo que deve ser respeitado, a saber: primeiramente se elabora uma questão central que irá nortear todo o processo investigativo e, numa sequência horizontal, a pesquisa se desenrola a partir do princípio da coleta, síntese, interpretação e ponderação dos resultados. É importante ressaltar que a natureza desta investigação é básica, pois ela gera novos conhecimentos com o que já existe de publicações, estabelecendo assim novos pressupostos e apontando para investigações futuras.

Figura 1 - Fluxograma da Pesquisa



Fonte: Autor da pesquisa

Para Köche (2007), tal lógica investigativa, no contexto da atualização sistemática, evita que o processo recaia sob algum viés, pois a busca em si, a partir de palavras-chaves previamente escolhidas (dentro de critérios de inclusão e exclusão), garante que a produção acadêmica em determinados parâmetros venha à tona, exatamente como tal produção ocorre no cotidiano dos pesquisadores. Isso é feito a partir de um método investigativo rigoroso que mapeia tudo o que foi publicado num dado período e, a partir de cartografias e leituras flutuantes, irá mostrar o cenário em que se encontra a produção científica sobre o tema.

Ou seja, entender de que forma os profissionais de Psicologia – e/ou áreas afins – estão encarando cientificamente o tema proposto é, em si, a matéria prima para a consolidação de uma pesquisa, porque além de garantir, indiretamente, uma

revisão do estado da arte, ainda se propõe a diagnosticar um cenário – neste caso, o cenário científico -, servindo de base para mais à frente cimentar um prognóstico que, em alguma medida, pode embasar trabalhos empíricos. Além, claro, de garantir que o profissional psicólogo tenha elementos para ampliar a compreensão sobre o tema proposto.

Os dados levantados na revisão sistemática também colaboram para que se possa conhecer produções a partir do princípio da relevância, da validade, da proporcionalidade e da especialização e origem geográfica do pesquisador. Passados pelas etapas anteriormente descritas, tais dados são escrutinados, catalogados e tratados pelo princípio da Análise Temática, dispositivo da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011). É mister realçar que a Análise Temática realça a noção de tema e tudo o que orbita o objeto da investigação. Ou seja, destaca os elementos textuais que se relacionam diretamente e indiretamente com os temas centrais da investigação, a partir da categorização e/ou destaque de palavras, frases ou resumos.

De acordo com Minayo (2007, p. 316), “a análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifique alguma coisa para o objetivo analítico visado”. A autora ainda enfatiza as três fases desta análise, a saber: Pré-análise (leitura flutuante e organização do material que será escrutinado), Exploração do material (quando o pesquisador, de fato, se debruça sobre os temas, para catalogá-los e valorá-los) e o Tratamento dos resultados, quando os resultados brutos dão lugar a informações correlacionais, a partir de processos comparativos, onde aproximações e contradições conceituais serão evidenciadas.

É importante destacar que, como ponto elementar, as palavras-chaves “jovem”, “juventude”, “mídia”, “influência da mídia”, “suicídio”, “psicanálise”, “homem” e “ideação suicida” foram utilizadas, de modo cruzado, até que se conseguisse filtrar, nas bases de dados utilizadas, um dado número de artigos para que a análise ocorresse. Então, num primeiro momento, foi feita uma leitura flutuante dos artigos (do resumo e das considerações finais), mantendo apenas os de maior adesão (com, no mínimo, cinco das oito palavras-chaves). Uma segunda filtragem foi feita, no sentido de enfatizar apenas os artigos que mantinham alguma conexão com o olhar da Psicanálise sobre o fenômeno e, paralelo a isso, só foram levados em conta as produções em que o objeto de estudo continha o homem jovem.

3.1 Local e período de realização da pesquisa

Quanto ao local de realização da pesquisa, os dados foram coletados entre os meses de fevereiro e março de 2020, na plataforma Google Acadêmico, a partir de acesso direto ao website de tal base.

3.2 Critérios de inclusão e exclusão

Como critério de inclusão, foram considerados artigos científicos publicados na plataforma Google Acadêmico, entre os anos de 2015 e 2018, cuja centralidade seja o fenômeno da ideação suicida ou do suicídio concretizado entre jovens, a partir da influência de discursos midiáticos, pelo olhar psicanalítico. O ano de 2019 foi excluído porque esta pesquisa começou a ser elaborada em tal período, tendo de ser adiada por motivos pessoais do pesquisador.

Para os critérios de exclusão, foram descartados artigos científicos de outras abordagens da Psicologia (tais como Análise do Comportamento, Terapia Cognitivo-Comportamental, Gestalt-terapia etc.), antes de 2015 e depois de 2018, e que estejam publicados fora da base de dados previamente estabelecida.

3.3 Instrumentos de coleta de dados, estratégias de aplicação, registro, análise e apresentação dos dados

Para Dencker (1998), a coleta de dados a partir de uma investigação qualitativa se dá, comumente, a partir da aplicação apropriada da “observação, a entrevista e a análise documental” (SCHLICHTING; MORAES, 2018). Neste sentido, o presente estudo utilizou um referencial teórico pautado em livros e artigos científicos e, para investigar o objeto de pesquisa, a partir dos dispositivos contidos na Revisão Sistemática (GIL, 2008), afunilou o campo com a delimitação clara do tempo em que foi feita a pesquisa, no Google Acadêmico, plataforma previamente escolhida.

Todo o material juntado, aferido e catalogado foi tratado de modo analítico para gerar os dados e, posteriormente, foram submetidos a uma abordagem dialética que garante confrontação, comparação e cruzamento de variáveis convergentes e

divergentes, o que acaba por resultar em novos dados que, espera-se, ainda não tenham sido levantados academicamente, o que contribui para o princípio da singularidade da investigação.

Neste sentido, a pesquisa tem como resultado, no campo da análise e apresentação dos dados, não apenas a publicação de um compêndio de definições; antes, porém, se coloca como um trabalho que assume uma posição dentro de uma variedade de argumentos (BAUER; GASKELL, 2002) para, enfim, colaborar de modo crítico com a construção de um olhar ampliado da Psicanálise sobre o tema da pesquisa.

3.4 Aspectos éticos

A pesquisa não envolveu experimento com seres humanos. No entanto, é importante destacar que, independente disto, se faz necessário manter alguns cuidados para com o seu delineamento, tendo em vista que a escrita pode gerar mal-entendidos. Assim, é necessário não reforçar discursos que violem regras (sobretudo no que diz respeito ao Código de Ética do Psicólogo), bem como evitar qualquer construção teórica que soe de modo ofensivo aos direitos humanos. Tudo isso em observação à Resolução 466/12 do Ministério da Saúde.

3.4.1 Riscos

Não envolve riscos, visto que não se trata de uma pesquisa aplicada ou experimental com seres humanos; assim, não é necessário realizar intervenções práticas que possam gerar algum dano ao sujeito da pesquisa.

3.4.2 Benefícios

Contribuir com a problematização do tema no exercício da profissão (Psicologia) e reflexão para as áreas da Psicanálise, Comunicação e Psicologia. Além de contribuir para que haja discussões sobre a relação do tema proposto e a necessidade de se aprofundar investigações tendo em vista o desenvolvimento científico.

3.4.3 Variáveis

Como variável independente, observa-se qual a influência da mídia sobre os jovens; e como variável dependente, de que modo esta influência impacta na ideação suicida destes jovens.

3.4.4 Desfechos

3.4.4.1 *Primário*

Espera-se que a partir dessa pesquisa, seja possível averiguar os impactos que os discursos identitários oferecidos pela mídia exercem sobre os jovens, e se tais discursos reverberam na eclosão de eventuais narrativas de ideação suicida.

3.4.4.2 *Secundário*

Refletir sobre o papel da Psicanálise (e da Psicologia) como área que deve permanecer vigilante quanto à formação de narrativas midiáticas que podem colaborar para o recrudescimento de modos de subjetividades que geram angústia e/ou desespero entre os jovens.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao se debruçar sobre o conjunto total de palavras-chaves (quais sejam: jovem, juventude, mídia, influência da mídia, suicídio, psicanálise, homem e ideação suicida), foram encontrados inicialmente 106 artigos entre os anos de 2015 e 2018, todos em língua portuguesa, na Plataforma Google Acadêmico, que indexa as principais bases de dado do Brasil. Todos foram descartados por conter apenas duas ou três palavras-chaves, ou por pertencer a outra área predominantemente diversa à Psicologia, como a Enfermagem, por exemplo.

Numa segunda rodada da pesquisa, optou-se pelo cruzamento de termos em combinação com quatro palavras-chaves consideradas elementares, sempre mantendo entre estas palavras os descritores “juventude”, “homem”, “mídia” e “suicídio”. Só obtive sucesso no cruzamento com os termos “psicanálise” e “jovem”, tendo-se descartado as demais palavras pela não adesão aos objetivos da pesquisa (influência da mídia, homem). No caso específico da palavra-chave “ideação suicida”, às vezes em que foi encontrada, estava em conexão com o descritor “suicídio”, termo básico das demais configurações da pesquisa, sendo, portanto, um termo que acabou sendo descartado pelo caráter repetitivo.

Desta feita, a segunda rodada da pesquisa encontrou 1.270 resultados e, após a leitura flutuante, foram descartados 982 artigos. Após isso, feita nova revisão dos artigos encontrados, com a leitura dos resumos e considerações finais, foram descartados outros 267 artigos. Restaram, então, 21 artigos. Destes, o pesquisador catalogou os resultados e discussões e descartou mais 15 artigos, resultando num total de 6 artigos com total adesão ao objeto da pesquisa.

Os artigos foram escrutinados individualmente, de acordo com categorias de investigação propostas pela Análise de Conteúdo. Neste sentido, são elencados, em ordem decrescente, os termos mais usados/repetidos de cada pesquisa, para que mais à frente tais termos possam ser contextualizados. Além disso, as tabelas contêm as informações elementares para identificação de autoria e região do país, além de localização acadêmica dos trabalhos, a fim de se obter um panorama do cenário investigativo sobre o tema no Brasil.

Desta forma, têm-se o seguinte panorama:

O artigo “Discursos nos comentários sobre notícias de suicídio na internet a partir de três estudos de caso” tem como autoria Ferreira Jr (2016), foi publicado no repositório da Universidade Federal da Bahia e aborda, predominantemente, os temas “Suicídio, homens, internet, jovens, efeito contagioso, reportagem”, em total adesão aos objetivos desta pesquisa.

Quadro 1 - Artigo 1

Título: Discursos nos comentários sobre notícias de suicídio na internet a partir de três estudos de caso	
Autor(res) e titulação	Ferreira Jr, Avimar (Doutorado)
Região do país	Bahia – Nordeste
Base de dados	Repositório UFBA
Ano de publicação	2017
Índice de termos (decrecente)	Suicídio, homens, internet, jovens, efeito contagioso, reportagem.

Fonte: Autor da pesquisa

Em seguida, o artigo “Sofrimento psíquico e comportamento suicida em uma página do Facebook”, de Tavira (2016), abordou “Suicídio, redes sociais, Facebook, sofrimento, afetos negativos, imagem corporal”, publicado no repositório da Universidade Nacional de Brasília em 2016.

Quadro 2 - Artigo 2

Título: Sofrimento psíquico e comportamento suicida em uma página do Facebook	
Autor(res) e titulação	TAVIRA, Larissa Vasques (Mestrado)
Região do país	Distrito Federal – Centro-Oeste
Base de dados	Repositório da UnB
Ano de publicação	2016
Índice de termos (decrecente)	Suicídio, redes sociais, Facebook, sofrimento, afetos negativos, imagem corporal.

Fonte: Autor da pesquisa

Já o artigo “13 Reasons Why: uma análise filosófica a respeito do suicídio sob a ótica de Camus, Freud e Schopenhauer e sua abordagem pedagógica no Ensino Médio”, de Nardi e Brigagão (2018) aborda “Suicídio, seriado, juventude, conduta, adolescentes, ambiente educacional”, também com grande adesão aos

objetivos da pesquisa. Este artigo foi publicado no repositório da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Quadro 3 - Artigo 3

Título: 13 Reasons Why: uma análise filosófica a respeito do suicídio sob a ótica de Camus, Freud e Schopenhauer e sua abordagem pedagógica no Ensino Médio	
Autor(res) e titulação	BRIGAGÃO, Leticia Rossi Feliciano; NARDI, Edson Renato (Doutorado e especialização)
Região do país	Paraná - Sul
Base de dados	Repositório da UFPR
Ano de publicação	2018
Índice de termos (decrecente)	Suicídio, seriado, juventude, conduta, adolescentes, ambiente educacional.

Fonte: Autor da pesquisa

O artigo “O suicídio e a morte do narrador”, assinado por Morettoa *et al.* (2017) tem trechos importantes que aderem aos objetivos da pesquisa, sobretudo no que concerne aos temas suicídio, jovem e mídia. A publicação foi indexada pelo Google Acadêmico a partir da Scielo, com referência à revista de Psicologia da Universidade de São Paulo – USP.

Quadro 4 - Artigo 4

Título: O suicídio e a morte do narrador	
Autor(res) e titulação	Maria Livia Tourinho Morettoa; Bernardo Parodi Svartmanb; Cintia Copit Frellerc; Gustavo Martineli Massolab; José Leon Crochíkc; Pedro Fernando da Silvaca (Doutorado)
Região do país	São Paulo - Sudeste
Base de dados	Scielo (Revista de Psicologia da USP)
Ano de publicação	2017
Índice de termos (decrecente)	Suicídio, narrador, literatura, jovens, mídia, seriado.

Fonte: Autor da pesquisa

No caso do artigo “Cyberbullying: o complexo bullying da era digital”, disponível no repositório da Universidade Federal do Ceará – UFC e sob autoria de Carvalho; Moura; Rondina (2016), os descritores “Cyberbullying, jovens, ideação suicida,

bullying, internet, redes sociais” predominaram, ampliando e/ou delimitando assim o conceito de mídia.

Quadro 5 - Artigo 5

Título: Cyberbullying: o complexo bullying da era digital	
Autor(res) e titulação	DE CARVALHO, Monica Domingues; MOURA, Julia Lucila; RONDINA, João Marcelo (um doutor, dois especialistas)
Região do país	Ceará - Nordeste
Base de dados	Repositório da UFC
Ano de publicação	2016
Índice de termos (decrecente)	Cyberbullying, jovens, ideação suicida, bullying, internet, redes sociais.

Fonte: Autor da pesquisa

Já o artigo “Efeito da espiral do silencio na série 13 Reasons Why para a tematização do suicídio no Jornalismo Brasileiro”, de autoria de Alves (2018) tem forte predominância do olhar comunicacional, mas salta aos olhos por conter os demais descritores necessários à sistematização da pesquisa, quais sejam: “Suicídio, seriado, jornalismo, agendamento, juventude, jovens”. O trabalho está publicado no repositório da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

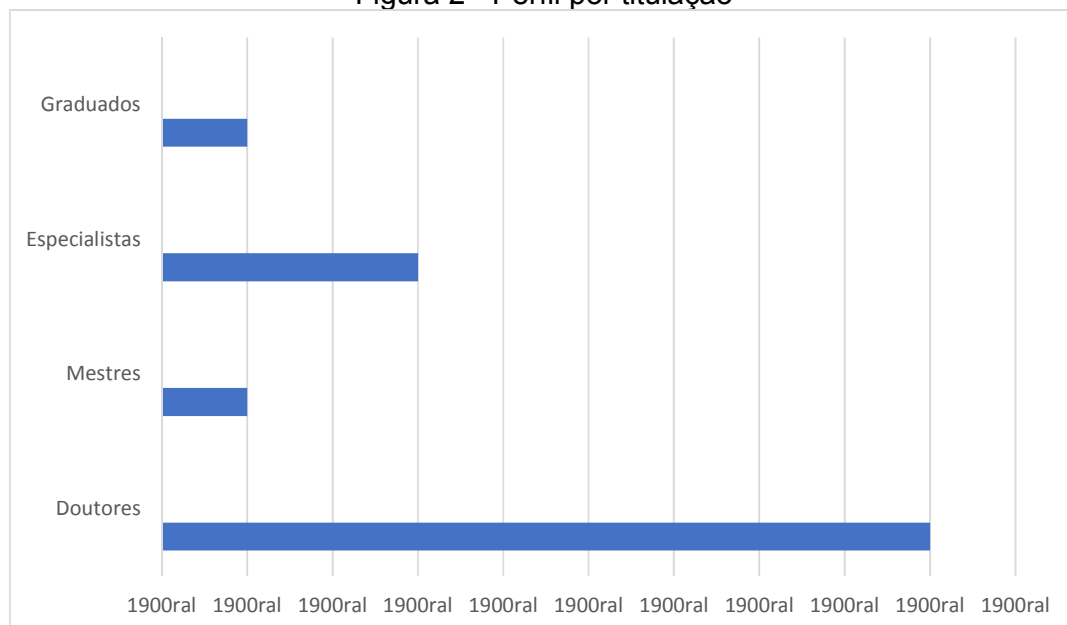
Quadro 6 - Artigo 6

Título: Efeito da espiral do silencio na série 13 Reasons Why para a tematização do suicídio no Jornalismo Brasileiro	
Autor(res) e titulação	ALVES, Pedro Vitor (Graduação)
Região do país	Minas Gerais - Sudeste
Base de dados	Repositório da Universidade Federal de Uberlândia
Ano de publicação	2018
Índice de termos (decrecente)	Suicídio, seriado, jornalismo, agendamento, juventude, jovens

Fonte: Autor da pesquisa

De modo geral, há uma predominância de doutores entre os autores dos trabalhos, sendo seis no total (levando-se em conta que um dos trabalhos tem seis doutores). De qualquer forma, dos seis artigos selecionados, quatro têm doutorado na composição, o que corresponde 67% do total.

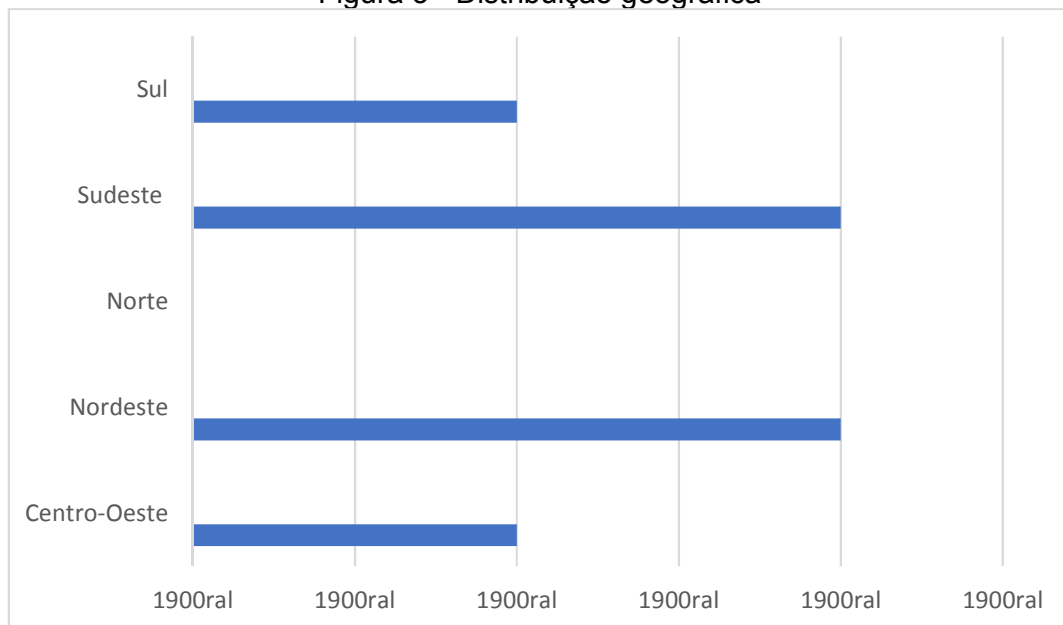
Figura 2 - Perfil por titulação



Fonte: Autor da pesquisa

Em relação à representatividade geográfica, as regiões Sudeste e Nordeste aparecem com dois trabalhos cada, seguidas das regiões Sul e Centro-Oeste, que têm um trabalho cada. Pelos critérios desta pesquisa, não foi possível identificar nenhum trabalho publicado na região Norte do Brasil.

Figura 3 - Distribuição geográfica



Fonte: Autor da pesquisa

O pesquisador observou, também, que mesmo a psicanálise se configurando como uma abordagem teórica de caráter crítico, às vezes epistemologias desta psicodinâmica são colocadas lado a lado com as da psicologia, e nem sempre há a preocupação em diferenciar tais abordagens.

Em prosseguimento, de forma geral, é importante destacar que todos os trabalhos, em alguma medida, alertaram para o fenômeno do suicídio como um flagelo que tem perturbado a humanidade no decorrer da história, e trata-se de um acontecimento multideterminado e ainda não totalmente conhecido (em sua gênese). No entanto, nenhum dos artigos abordou o problema exclusivamente em relação ao público masculino. Tais artigos foram mantidos na análise porque destacaram este público, notadamente no que se refere aos aspectos etiológicos dos problemas geradores de dadas angústias existenciais dos homens, angústias estas geradoras de algumas psicopatologias (ponto este que, em si, daria uma nova pesquisa).

Os artigos em questão alertam para este fenômeno perturbador que atinge todos os gêneros, apesar de ser mais frequente entre os homens; também atinge todas as classes sociais, principalmente os mais ricos e pobres, ou seja, os extremos da pirâmide social; e acomete todas as idades, comum para os idosos, porém, tornando-se frequente entre os jovens, como fica evidenciado nesta pesquisa, sobretudo a partir dos alertas de Alves (2018) e Ferreira Jr. (2016).

O suicídio é intrigante porque é um problema de saúde pública, sendo que atualmente mata mais que a guerra quando se fala dos jovens (FERREIRA JR., 2016). Neste sentido, com a popularização da TV, da Internet e, mais recentemente, dos serviços de *Streaming*¹¹, onde as informações são disseminadas sem controle e com grande rapidez, cinco dos seis artigos alertam para a preocupação redobrada com o tema do suicídio, principalmente pelo potencial de viralização de tal assunto, que pode se transformar em potenciais gatilhos.

No artigo de Pereira (2013), fica evidente que pelas postagens no Facebook, as famílias apenas atentaram para a seriedade do problema do suicídio quando foi

¹¹ O serviço de *streaming* é uma forma de transmissão instantânea de dados de áudio e vídeo através de redes. Por meio do serviço, é possível assistir a filmes ou escutar música sem a necessidade de fazer download, o que torna mais rápido o acesso aos conteúdos online. O streaming se desenvolveu no Brasil nos últimos anos principalmente pela melhora em um dos seus principais pré-requisitos: a melhora na velocidade das conexões com a Internet. Com isso, os dados são armazenados temporariamente na máquina e vão sendo exibidos ao usuário em velocidade quase instantânea. (COUTINHO, Mariana. Saiba mais sobre streaming, a tecnologia que se popularizou na web 2.0 [2013]. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/05/conheca-o-streaming-tecnologia-que-se-popularizou-na-web.html>. Acesso em: 23 fev. 2020.

observado que o mesmo estava presente em jovens de 15 a 16 anos, isto é, notaram o dano do uso inadequado da internet quando o comportamento suicida dos homens jovens estava “próximo demais”. No mesmo sentido, é importante destacar que Tavira (2016) destaca que a reflexão sobre a interface entre o número crescente de suicídios em jovens – sobretudo em homens –, sofrimento psíquico e uso da Internet, tem sido devido à intensidade e precocidade do uso da Internet quase que de forma compulsiva por este público.

Nos artigos pesquisados, leva-se em conta que os jovens têm acesso a internet – mesmo que a qualidade do acesso sofra variabilidade – e o uso de redes sociais ou serviços de *streaming* é uma constante, como pontua De Carvalho; Moura; Rondina (2016). Assim, reforça-se que ainda são desconhecidas as consequências psicológicas do hiperconsumo da mídia (em suas várias plataformas) por parte dos jovens contemporâneos, assunto que só poderá ser mensurado a partir de estudos longitudinais. Neste sentido, o acesso irrestrito a tecnologia pode estar vinculado ao risco para a saúde mental desse público, com potencial de fragmentação do ego e, em casos extremos, tentativas de auto aniquilação (TAVIRA, 2016).

Como reforça Ferreira Jr (2016), tanto as mídias digitais quanto a Internet como um todo podem estar relacionadas às situações perigosas, tais como: prostituição; suicídio; vírus e *spywares* (programas intrusos que coletam dados dos computadores); pornografia; drogas, dentre outros. Pelo contato precoce da Internet por jovens e crianças, houve um meio facilitador para que esse público visualizasse temas sensíveis, como pouco ou nenhum filtro (classificações indicativas confiáveis).

Diante desse panorama, tem crescido a reflexão por parte de pesquisadores das áreas da saúde, humanas e social, especialmente sobre a saúde mental de jovens e crianças, isto é, a parcela da população mais suscetível à influência das mídias. Mas as melhores alternativas a serem adotadas para evitar que aconteça alguma forma de “contágio” pelo suicídio ainda não são totalmente conhecidas, sobretudo caso se queira preservar o estilo de vida resultante do humanismo liberal que marca o cotidiano do Ocidente desde o pós-Guerra (NARDI; BRIGAGÃO, 2018).

Esta pesquisa também levantou que existem ainda “tabus” e “mitos” quando o assunto se refere ao suicídio e suas causas no Brasil contemporâneo, e isso é evidenciado na maioria dos artigos pesquisados. Por outro lado, para informações e divulgações sobre esse assunto, a mesma internet que preconiza o perigo tem sido também um espaço aberto e amplo, palco de projetos psicoeducativos (como o uso

de aplicativos que ajudam os usuários jovens a lidarem com suas emoções conflitantes). No entanto, conforme vem sendo destacado nesta pesquisa, há divergências que precisam ser pontuadas, visto que a internet fornece informações tanto para incentivar quanto para prevenir o suicídio (MORETTOA *et al.*, 2017; WESTERLUND, 2012).

Ou seja, como explicitam Alves (2018) e Rodina *et al.* (2016), a mídia e a Internet podem ser identificadas como dispositivos que apresentam um destacado papel para prevenir e intervir em pessoas que estejam passando por uma crise suicida (BAKER; FORTUNE, 2008). Mas, também, de forma ambivalente, por outro lado, proporcionam informações que embasam, incitam e encorajam o suicídio; inclusive, há sites e séries televisivas e de serviço de *streaming* que detalham metodologias suicidas letais e ligeiras. No caso específico da internet, há páginas que recomendam o suicídio para solucionar os problemas da vida, e existem sites que mostram mensagens e imagens deixadas por suicidas, incentivando essa ação (FERREIRA JR, 2016).

Deve-se ressaltar que, como pontuado por parte dos autores dos artigos objetos desta pesquisa, o Google, Instagram e Facebook, por exemplo, têm realizado um monitoramento dos usuários com base em palavras específicas, tais como termos relacionadas ao tema de suicídio. Observou-se, faticamente, que muitas pessoas tentaram se suicidar ou realmente se mataram após acessar ou receber informações sobre suicídio na Internet com estudos de caso. Esses dados tiveram procedência, ou seja, foram levantados a partir destas ferramentas de aferição (D'HULSTER; VAN HEERINGEN, 2006).

Com base nessas ferramentas empregadas pelas gigantes dos Estados Unidos da América (EUA), alguns pesquisadores têm se dedicado a se debruçar sobre o eventual aumento dos casos de suicídio a partir da popularização da Internet. A procura por esse tema está relacionada com as estatísticas de autolesão e suicídio, como pontuado no artigo de Tavira (2016).

Pode-se aferir, provisoriamente, que a ideação suicida e a autolesão entre jovens geram marcadores de busca na Internet por palavras ligadas ao suicídio, e esse dado sugere mais susceptibilidade desse público ao usar a rede (RONDINA *et al.*, 2019). Neste sentido, existe uma relação entre pactos de suicídio e risco de epidemias entre os jovens pelo uso da Internet, conforme confirmada em algumas pesquisas internacionais (KATSUMATA *et al.*, 2008).

É importante destacar que, em muitos casos, produtos midiáticos como séries televisivas – no processo atual de convergência tecnológica – acabam por alimentar os discursos de jovens usuários de grupos virtuais sobre o tema. Tendo em conta que esse problema não está relacionado apenas à disponibilização de conteúdos sobre suicídio; esses fatores como um todo podem indicar que se deve trabalhar com os jovens sobre como ter uma habilidade crítica ao usar a Internet e as mídias como um todo (TAVIRA, 2016).

O acesso de pessoas que fazem parte do público suscetível às informações dramáticas, gráficas ou visuais sobre o suicídio pela Internet, televisão e outros meios de comunicação, têm sido demonstrados por pesquisas que mostraram um elevado crescimento de suicídio nesse grupo demográfico. Intitula-se essa dinâmica de suicídio por termos como: suicídio em cluster; *copycat suicide* e suicídio por contágio (termo aportuguesado). O suicídio em cluster é classificado como um aprendizado social para comportamentos de suicídio, já o *copycat suicide* ocorre por imitação direta, a partir de disparadores originados de fontes diversas, como a mídia (NARDI; BRIGAGÃO, 2018).

Na apresentação da série *13 Reasons Why*, disponível na Netflix, de acordo com o artigo de Nardi e Brigagão (2018), alguns pesquisadores observaram que houve uma avalanche pela procura sobre o assunto suicídio. E, entre os homens jovens, a probabilidade de efetivação do ato aumenta.

Ao longo dessa série, houve um crescimento significativo para buscar informações sobre métodos para realizar o suicídio, bem como métodos de prevenção, em contra resposta. Pôde ser concluído por esse estudo que essa série, por um lado e de maneira involuntária, incentivou o suicídio; e por outro lado, provocou mais conscientização sobre o assunto (NARDI; BRIGAGÃO, 2018). Este padrão, calcado no paradoxo, se repete nos demais artigos objetos desta pesquisa.

Os artigos analisados também evidenciam que se torna plausível que o modelo de imitação possa fornecer respostas aos casos de suicídio e tentativa de suicídio entre jovens em geral, e homens jovens em particular, pela influência difundida pela mídia (sobretudo a partir da internet). Isso pode ser comparado aos estudos de Loureiro; Moreira; Sachside (2013), ao apontarem que há uma grande probabilidade de as pessoas fenecerem à imitação.

Este fato preocupa em especial os profissionais de Psicologia, cuja ação no campo da saúde coletiva e da saúde mental se preocupa em fornecer uma

psicoeducação preventiva. No caso em específico da Psicanálise, se debruça sobre os fenômenos psíquicos e sociais que fazem eclodir um mal-estar (KEHL, 2009), fato que, na clínica, serve de base e de tecido para práticas interventivas eficazes.

Com base na Organização Mundial da Saúde (OMS) (2000 *apud* ALVES, 2018; MORETTOA, 2017) sobre esse tema, verificou-se que a mídia tem influência, e que essa influência pode ser extremada. Mas, contraditoriamente, esta mesma mídia pode ser empregada como auxílio e prevenção em relação ao suicídio, seja através do jornalismo ou de produtos de entretenimento, num movimento em que se verifica que essa influência – da mídia e da internet – não precisa ser necessariamente negativa, como bem pontuado pelos artigos desta pesquisa.

Todavia, deve-se ter atenção redobrada, conforme alertado pela OMS, visto que não pode ocorrer a banalização ou romantização do suicídio por qualquer via comunicacional (ALVES, 2018).

De forma geral, os artigos pesquisados apontam para uma sociedade de consumo que motiva o crescimento do número de pessoas depressivas e, em medida similar, estimula o crescente número de suicídios. Isso ocorre em um momento em que a felicidade é ofertada como um bem inalienável e irredutível (FERREIRA JR., 2016), condição que faz aumentar a pressão sobre o desempenho dos sujeitos contemporâneos, notadamente os jovens – e, neste meio, os homens, que falam menos sobre suas agruras, por questões diversas (especialmente por questões culturais) e, assim, acabam por ser mais suscetíveis às agruras que, em muitos casos, dão combustível para as tentativas de auto aniquilação.

É importante destacar, por fim, que estudos internacionais apontam para o que, ao menos, um dos artigos destacados nesta pesquisa alertou (OMS, 2000 *apud* ALVES, 2018; MORETTOA, 2017), o uso desenfreado das redes sociais, dentro do espectro da espetacularização da vida cotidiana – e do processo de simulação de realidades que podem reforçar dissonâncias (ego distonias, por exemplo), são fatores-chaves para iniciar o processo de compreensão dos danos que o uso inadequado da mídia e dos dispositivos eletrônicos causam nos jovens em geral, e nos homens jovens em particular.

Isso ocorre, sobremaneira, porque estes ambientes propiciam processos de comparação nefastos que colaboram para uma visão de mundo desprendida da realidade (que sempre abarca cenários positivos e negativos), minando assim a autoestima de jovens, num período crucial de suas vidas, em relação ao

desenvolvimento físico e psicológico, período este de (auto)afirmação perante eles próprios e diante da sociedade. Eis, portanto, um desafio enorme para a Psicologia como ciência, o de entender tais dinâmicas destrutivas e oferecer saídas viáveis, de promoção da vida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa concluiu, de forma paradoxal, que por um lado a mídia (a partir da internet e das redes sociais, sobretudo) exerce forte influência nas construções subjetivas que desembocam em inclinações autodestrutivas, sobretudo entre homens jovens (devido ao caráter de letalidade de tal grupo, ao que tudo indica). No entanto, por outro lado, esta mesma mídia, que é fonte de “cenários” disparadores do processo de ideação, também vem sendo usada como espaço de prevenção do suicídio e de preservação da vida.

Ora, isso em muito faz o autor deste trabalho lembrar das máximas de Freud (a partir dos princípios do prazer e da realidade, forças opostas que delineiam muitas ações cotidianas) quanto as de Jung, ao defender que os fenômenos são carregados de potenciais numinosos e, também, sombrios. Neste sentido, os artigos ora analisados não são taxativos, nem no que se refere a um suposto potencial nefasto de discursos enviesados, na mídia, muito menos em relação a dados quantitativos e qualitativos consistentes no que se refere ao objeto pesquisado.

Esta conclusão se aproxima do tom empregado pela sociologia contemporânea, notadamente a partir do olhar de Bauman, para quem a ambivalência impera nas relações cotidianas e, em certa medida, reverbera nos números que são extraídos a partir de experiências de vida atuais. É mister pontuar, neste intervalo, que a ciência não se pode passar por totalitária e/ou dogmática, especialmente as ciências humanas e sociais. Cada contexto é único, singular, e os resultados de pesquisas são tentativas de se aproximar dos cenários da realidade.

Estes cenários, no entanto, são altamente permeáveis e com grande grau de variabilidade. Um exemplo, além do paradoxo da mídia como catalisadora de discursos antagônicos na ideação suicida – seguida ou não do ato suicida – é a lacuna encontrada quanto a investigações qualitativas da Psicanálise em relação ao objeto proposto. Não que haja uma ausência total de estudos, mas o enfoque é predominantemente em relação à juventude de modo abrangente, sem recorte de gênero.

É importante destacar que, no universo masculino, há uma verdadeira epidemia de problemas, no campo da psicopatologia, que precisam ser escrutinados. E a opção com variáveis que contemplem apenas divisão de classes e/ou de fases do desenvolvimento humano, apesar de ser uma base sólida e confiável para os

trabalhos posteriores, não contempla o sofrimento que dia após dia cresce entre os homens, notadamente os homens jovens.

E não se trata de estar a exagerar no panorama. Veja-se a expectativa média de vida no comparativo entre homens e mulheres: eles vivem em média 7 anos a menos que elas, no Brasil. Além disso, se matam muito mais, e estão mais suscetíveis a situações embaraçosas e potencialmente violentas e danosas. Os desdobramentos desta realidade acometem a todos, homens e mulheres. Porque, de modo sistêmico, não se pode falar em saúde mental e saúde coletiva sem levar em conta todas as partes envolvidas, que de modo imbricado reverberam as consequências de interações desajustadas para os seus microcosmos e, também, para a sociedade como um todo.

Desta forma, como encaminhamento, é imperioso que outros pesquisadores se debrucem sobre o olhar da Psicanálise e da Psicologia em relação a este tema. Que a interface com a comunicação, como potencial disparadora de ideação suicida entre homens jovens, seja objeto de pesquisas qualitativas e quantitativas. Ao menos, que haja investimentos em estudos de casos e/ou grupos focais. Esta investigação precisa ser avançada para que as narrativas do profissional de psicologia possam ser alargadas e, de fato, contemplem esta parcela da sociedade.

No mais, é importante que se pesquise, especialmente de modo qualitativo, o papel que o movimento feminista desempenhou no processo de desregulamentação identitária do homem – criança, jovem ou adulto. Pois, como levantado secundariamente no embasamento teórico desta pesquisa, jovens sem representações arquetípicas masculinas (simbolicamente, tal modelo pode ser encampado por um cuidador de qualquer sexo) tendem a ser mais violentos e vítimas da ausência de instâncias reguladoras internas.

Não se está acusando o feminismo de tal contenda, pelo contrário, está se reconhecendo o seu caráter revolucionário, que exige novas formas de se encarar a realidade, o que acaba por pressionar os homens e assumirem novos papéis, bem como lidar com transformações estruturais que, bem pouco tempo atrás, não estava no horizonte possível. Há, portanto, muito trabalho pela frente. Isso, por si só, é animador. São estes desafios que alimentam a ciência, cujo objetivo, ao final, é melhorar a qualidade de vida do ser humano.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, H. W. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. *In*: ABRAMO, H. W. *et al.* (org.). **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2007.

ALVES, Pedro Vitor. **Efeito da espiral do silêncio na série 13 Reasons Why para a tematização do suicídio no Jornalismo Brasileiro**. 2018. Monografia (Curso de Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

ANJOS, F. R. *et al.* Perfi das intoxicações exógenas em um hospital universitário. **Rev. Médica de Minas Gerais**, v. 18, n. 1, p. 5-10, 2008.

ARAÚJO, Luciene da Costa; VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima. Ideação suicida na adolescência: um enfoque psicossociológico no contexto do ensino médio **Psico-USF**, v. 15, n. 1, p. 47-57, jan./abr. 2010.

AYERS, John W. *et al.* Internet searches for suicide following the release of 13 Reasons Why. **JAMA internal medicine**, v. 177, n. 10, p. 1527-1529, 2017.

BAKER, Darren; FORTUNE, Sarah. Understanding self-harm and suicide websites: a qualitative interview study of young adult website users. **Crisis: The journal of crisis intervention and suicide prevention**, v. 29, n. 3, p. 118, 2008.

BANDO, Daniel H. *et al.* Suicide rates and trends in São Paulo, Brazil, according to gender, age and demographic aspects: a joinpoint regression analysis. **Brazilian Journal of Psychiatry**, v. 34, n. 3, p. 286-293, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 229 p.

BARRETO GOMES, P. B. M. Mídia, Imaginário de Consumo e Educação. **Revista Educação & Sociedade**, ano 22, n. 74, abr. 2001. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/veiculos_de_comunicacao/EDS/VOL22N74/EDS_22N74_10.PDF. Acesso em: 18 dez. 2017.

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Tradução de Artur Mourão. Rio de Janeiro: Elfos, 1995.

BAUDRILLARD, J. **O sistema dos objetos**. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto**: imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005a.

BAUMAN, Z. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005b.

BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. São Paulo: J. Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **A vida em fragmentos**: sobre a ética pós-moderna. Tradução de Alexandre Werneck. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2011.

BBC NEWS. **Setembro Amarelo**: como conversar com alguém que está pensando em suicídio. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49639644>. Acesso em: 11 set. 2019.

BERGERET, J. **Psicopatologia, teoria e clínica**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BEZERRA JR., B. O lugar do corpo na experiência do sentido: uma perspectiva pragmática. *In*: BEZERRA JR., B.; PLASTINO, C. A. (org.) **Corpo, afeto, linguagem**: a questão do sentido hoje. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BIRMAN, J. Novas formas de subjetivações. *In*: CPFL CULTURA. **Invenção do Contemporâneo**. CPFL: Campinas, SP, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ov9CKqKiAeE>. Acesso em: 22 maio 2016.

BITTENCOURT, N. **Musculação**: uma abordagem metodológica. Rio de Janeiro: Sprint, 1984.

BITTENCOURT, R. N. Consumismo como fuga simbólica do real. **Revista PhilPapers**, 2011. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/BITCCF>. Acesso em: 20 dez. 2017.

BOTEGA, N. J. **Crise suicida**: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BOURDIEU, P. A juventude é apenas uma palavra. *In*: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CABRAL, Danielly Viviane Staut; PENDLOSKI, Josyara. Mortalidade por suicídio em idosos: uma análise do perfil epidemiológico no sul do Brasil. **Revista Uningá**, v. 47, n. 2, 2018.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix; Pensamento, 2005.

CANEVACCI, M. **Fetichismos visuais**: corpos erópticos e metrópole comunicacional. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CARVALHO, Carlos Alberto de. O enquadramento como conceito desafiador à compreensão do jornalismo. **Intercom**, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0206-1.pdf>. Acesso em: 07 jul. 2017.

CARMO, Érica Assunção *et al.* Características sociodemográficas e série temporal da mortalidade por suicídio em idosos no estado da Bahia, 1996-2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 27, p. e20171971, 2018.

CASTELLANI, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 4. ed. Campinas: Papirus, 1994.

CASTRO, A. L. de. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, cultura de consumo e estilos de vida. Campinas, SP: Unicamp, 2001.

CAVICCHIOLI, M. R. Na Antiguidade e na Modernidade: uma leitura foucaultiana. *In*: RAGO, M.; FUNARI, P. P. A. (org.). **Subjetividades antigas e modernas**. São Paulo: Annablume, 2008. Disponível em: <http://zip.net/bqtJ5V>. Acesso em: 31 ago. 2016.

CHAUÍ, Marilena. Espinosa: poder e liberdade. *In*: ATILIO, A. **Filosofia política moderna**. De Hobbes a Marx Boron. São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO); Departamento de Ciências Políticas - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (DCP-FFLCH); Universidade de São Paulo (USP), 2006.

CICOGNA, Júlia Isabel Richter; HILLESHEIM, Danúbia; HALLAL, Ana Luiza de Lima Curi. Mortalidade por suicídio de adolescentes no Brasil: tendência temporal de crescimento entre 2000 e 2015. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 68, n. 1, p. 1-7, 2019.

COURBIN, A.; COURTINE, J.-J.; VIGARELLO, G. (org.). **História do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

D'HULSTER, N. I. K. Y.; VAN HEERINGEN, C. Cyber-suicide: the role of the internet in suicidal behaviour. A case study. **Tijdschrift voor psychiatrie**, v. 48, n. 10, p. 803-807, 2006.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE CARVALHO, Monica Domingues; MOURA, Julia Lucila; RONDINA, João Marcelo. **Cyberbullying**: o complexo bullying da era digital. Ceará: Repositório da UFC, 2016.

DELEUZE, G. **Conversações**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DEMO, Pedro. **Conhecimento Moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1999.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de pesquisas**. São Paulo: Futura, 1998.

DURKHEIM, E. **O suicídio**: estudo sociológico. Lisboa: Presença, 1987. (Texto originalmente publicado em 1897).

EHRENBERG, A. **O culto da performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.

ERIKSON, E. H. **Identidade**: juventude e crise. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FERREIRA JR, Avimar. **Discursos nos comentários sobre notícias de suicídio na internet a partir de três estudos de caso**. 2016. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987. 288 p.

FREIRE COSTA, J. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Pinguim, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDENBERG, M. O macho em crise: um Tema de debate dentro e fora da academia. *In*: GOLDENBERG, M. (org.) **Os novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOLDENBERG, M. **O corpo como capital**. Rio de Janeiro: Estação das Letras, 2010.

GOLDHILL, S. **Amor, sexo & tragédia**: como os gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

GOMES, Laura Graziela. Novas tendências e desafios metodológicos nos estudos de consumo midiático. *In*: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraciara Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARA, T. **Mídia, singularidade e juventude**. [2007]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/view/5460>. Acesso em: 10 dez. 2017.

HARARI, Yuval. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

JUNG, C.G. **Psicologia do inconsciente**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

KATSUMATA, Yotaro *et al.* Electronic media use and suicidal ideation in Japanese adolescents. **Psychiatry and clinical neurosciences**, v. 62, n. 6, p. 744-746, 2008.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 24. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KORNBLIT, R. *et al.*, The use of Erbium:YAG laser for caries removal in paediatric patients following Minimally Invasive Dentistry concepts. **European journal of paediatric dentistry: official journal of European Academy of Paediatric Dentistry**, v. 9, n. 2, p. 81-7, 2008.

KOVÁCS, Maria J. **Suicídios: o que ainda precisa ser dito** (2018). Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/suicidios-o-que-ainda-precisa-ser-dito/>. Acesso em: 20 out. 2019.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LOUREIRO, Paulo R.A.; MOREIRA, Tito Belchior; SACHSIDA, Adolfo. **Os efeitos da mídia sobre o suicídio: uma análise empírica para os estados brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 2013.

MACEK, Jakub. **Defining Cyberculture** [online]. República Checa, 2005. Disponível em: http://macek.czechian.net/defining_cyberculture.htm. Acesso em: 06 maio 2019.

MACHADO, D. B.; SANTOS, D. N. Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012. **J Bras Psiquiatr.** v. 64, n. 1, p. 45-54, 2015.

MAGALHÃES, Ana Paula Nogueira de *et al.* Atendimento a tentativas de suicídio por serviço de atenção pré-hospitalar. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 1, p. 16-22, 2014.

MARGULIS, M. *et al.* (org.). **La Juventud es más que una palabra: ensayos sobre cultura y juventud**. 3. ed. Buenos Aires: Biblos, 2008.

MARINHO, A.; GUGLIELMO, L. G. A Atividade física na academia: objetivos dos alunos e suas implicações. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 10., 1997, Goiânia. **Anais [...]** Goiânia: Potência, 1997.

MCCARTHY, Michael J. Internet monitoring of suicide risk in the population. **Journal of affective disorders**, v. 122, n. 3, p. 277-279, 2010.

MELLO-SANTOS, Carolina de; BERTOLOTE, José Manoel; BOTEGA, Neury José. Detecção do risco de suicídio nos serviços de emergência psiquiátrica. **Rev. Bras. Psiquiatr.**, São Paulo, v. 32, (supl. 2), out. 2010.

- MENDES, R. *et al.* Risco de suicídio em condutores adolescentes. **Análise Psicológica**, v. 21, n. 4, p. 465-474, 2003.
- CAMPO ARÁUZ, Lorena; APARICIO, Miguel (org.). Etnografías del suicidio en América del Sur. **Anuário Antropológico**, Brasília, UnB, v. 43, n. 1, p. 469-474, 2018.
- MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2007.
- MINAYO, M.C.S. *et al.* Suicídio de homens idosos no Brasil. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v.17, n.10, p. 2665-74, 2012a.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza *et al.* Autópsias psicológicas sobre suicídio de idosos no Rio de Janeiro. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, p. 2773-2781, 2012b.
- MORETTOA, Maria Livia Tourinho *et al.* O suicídio e a morte do narrador. **Psicologia USP**, v. 28, n. 2, p. 159-164, 2017.
- MORIN. Edgar. **O Método**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.
- MOURA, Terciana Vidal. **A Gestão do trabalho pedagógico dos professores do campo no contexto das políticas educacionais de regulação**. 2018. 589 f. Tese de Doutorado (Doutorado em Ciências da Educação - Organização e Administração Escolar) - Universidade do Minho, 2018.
- NARDI, Edson Renato; BRIGAGÃO, Leticia Rossi Feliciano. 13 Reasons Why: uma análise filosófica a respeito do suicídio sob a ótica de Camus, Freud e Schopenhauer e sua abordagem pedagógica no Ensino Médio. **Revista do NESEF**, v. 7, n. 1, 2018.
- NERI, R. F.; TARQUINI, J. R. Todos querem ser David Beckham – O “Novo Homem” é fruto da mídia ou da sociedade? **Anais do Intercom**. Rio de Janeiro, RJ, 2011.
- OKUMA, S. S. Programa para a autonomia da atividade física: fundamentos de uma prática (conferência). *In*: SEMANA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: Por uma prática fundamentada, 4., 1996, Depto. de Educação Física da Universidade São Judas Tadeu. **Anais** [...]. p. 12-22.
- OZAWA-DE SILVA, Chikako. Shared death: Self, sociality and Internet group suicide in Japan. **Transcultural psychiatry**, v. 47, n. 3, p. 392-418, 2010.
- PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Editora Casa da Moeda, 2003.
- PELEGRINI, T. **Imagens do corpo**: reflexões sobre as acepções corporais construídas pelas sociedades ocidentais. (2006). Disponível em: http://www.urutagua.uem.br/008/08edu_pelegrini.htm. Acesso em: 15 jun. 2018.

PEREIRA, A. B. Rolezinhos: o que esses jovens estão roubando da classe média do Brasil? [25 dez. 2013]. **Portal Geledés**. Entrevista concedida a Eliane Brum. Disponível em: www.geledes.org.br/em-debate/colunistas/22538-rolezinhos-o-que-estes-jovens-estao-roubando-da-classe-media-brasileira-poreliane-brum. Acesso em: 28 jan. 2014.

PINTO, L.W. *et al.* Fatores associados com a mortalidade por suicídio de idosos nos municípios brasileiros no período de 2005-2007. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 8, p. 2003-09, 2012.

POPE, H. G. *et al.* **O Complexo de adônis**. A Obsessão Masculina pelo Corpo. Rio de Janeiro: Campus, 2000. p. 48-91.

RIBEIRO, José Mendes; MOREIRA, Marcelo Rasga. Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2821-2834, 2018.

RONDINA, II R. *et al.* Age-related changes to oscillatory dynamics during maintenance and retrieval in a relational memory task. **PLoS ONE**, v. 14, n. 2, p. e0211851, 2019. DOI <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0211851>.

ROUDINESCO, E. **Por que a psicanálise?** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ROSA, Natalina Maria *et al.* Tentativas de suicídio e suicídios na atenção pré-hospitalar. *J Bras Psiquiatr*, v. 65, n. 3, p. 231-8, 2016.

RUSSO, R.; Imagem corporal: construção através da cultura do belo. **Movimento & Percepção**, Espírito Santo de Pinhal, SP, v. 5, n. 6, jan./jun. 2005.

SANDEL, M. J. **Contra a perfeição**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2013.

SCHLICHTING, Carlos Alexandre; MORAES, Maria Cecília Leite. Mortalidade por suicídio na adolescência: uma revisão. **REFACS**, v. 6, (Supl. 1), p. 357-363, 2018.

SCHWARZ, Roberto. Ao vencedor as batatas 30 anos: crítica da cultura e processo social. Entrevista concedida a André Botelho e Lília Schwarcz. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 67, p. 147-194, 2008.

SILVEIRA, Eurípedes da; SANTOS, Álvaro Rodrigo da Silva; FERREIRA, Lúcia Aparecida. Impacto da morbi - mortalidade e gastos com suicídio no Brasil de 1998 a 2007. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental**, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, v. 4, n. 4, p. 3033-3042, out./dez. 2012.

TAVIRA, Larissa Vasques. **Sofrimento psíquico e comportamento suicida em uma página do Facebook**. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

TAHARA, A.K.; SCHWARTZ, G. M.; SILVA, K. A. Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias. **R. bras. Ci e Mov.**, v. 11, n. 4, p. 7-12, 2003.

TAVIRA, Larissa Vasques. **Sufrimento psíquico e comportamento suicida em uma página do Facebook**. 2016. 167 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

VIDAL, C. E. L.; GONTIJO, E. D. Tentativas de suicídio e o acolhimento nos serviços de urgência: a percepção de quem tenta. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 21, n. 2, p. 108-114, 2013.

VON FRANZ, Marie-Louise. **O Caminho dos Sonhos**. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

WESTERLUND, Michael. The production of pro-suicide content on the Internet: a counter-discourse activity. **New Media & Society**, v. 14, n. 5, p. 764-780, 2012.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Preventing suicide**: a global imperative. World Health Organization, 2014.